



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SULDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS (ICH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

ADRIELE FERREIRA NOGUEIRA

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA ESCOLA NOVA CANAÃ

Marabá – PA
2019

ADRIELE FERREIRA NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA ESCOLA NOVA CANAÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação do Campo do Instituto
de Ciências Humanas da Universidade Federal
do Sul e Sudeste do Pará para obtenção do grau
de Licenciado em Educação do Campo, com
ênfase em Letras e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa.

Marabá – PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Nogueira, Adriele Ferreira

Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa na escola Nova Canaã / Adriele Ferreira Nogueira; orientador, Lucivaldo Silva da Costa. — Marabá: [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Linguagem e educação. 3. Linguagem e línguas. I. Costa, Lucivaldo Silva da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 469.07

Elaborada por Hully Thacyana da Costa Coelho - CRB-2/1593

ADRIELE FERREIRA NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA ESCOLA NOVA CANAÃ**

Data da avaliação: _____.

Banca Examinadora

Orientador (Presidente):

Membro 1:

Membro 2:

Aos professores da Faculdade de Educação do Campo, que contribuíram na
minha formação, principalmente o Orientador Lucivaldo Costa uma peça fundante na
construção deste trabalho.

E a todos da Vila Limão (professores, alunos e moradores), pela força em
minha luta acadêmica.

_Gratidão

Agradecimento

Formatura, momento de festejar a vitória alcançada, momento de despedidas, agradecimentos, de parar no tempo e lembrar o filme construído durante o caminho percorrido e refletir que alcançamos apenas um degrau dentre vários!

Contudo, quero primeiramente agradecer a Deus, o autor do meu viver, permitindo que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos ele foi e é o maior mestre que alguém pode conhecer e ter.

Em segundo lugar, a minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional, que foi essencial nas agonias e comemorações. A minha mãe Rosinere Ferreira e a meu pai Helio Nogueira, meus heróis, que apesar de todas as preocupações e dificuldades me apoiaram nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, fortalecendo a minha luta. A minha madrinha, uma mulher guerreira e sem igual, que me ajudou a enfrentar as trincheiras, incentivando a chegar até aqui.

Obrigada meus irmãos Isaac e Adriano, ao meu namorado Dheisson, pela ajuda, paciência e apoio, entendendo os momentos da minha ausência, dedicados aos estudos e trabalhos, compreendendo sempre que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

A esta universidade, que me oportunizou a janela que hoje vislumbro, transformando minha forma de pensar, lugar onde conquistei amizades que levarei para vida toda. Agradeço a todos os professores e, em especial, ao professor e orientador Lucivaldo Costa, por ter me apoiado nessa formação para a conclusão deste curso.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. O meu muito obrigado!

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

_Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar como é abordado o ensino de Língua Portuguesa na Escola Nova Canaã localizada na Vila Limão, Jacundá, Pará. A metodologia de pesquisa pensada para este estudo é a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos 30 horas de observações em sala de aula. Em seguida, as entrevistas e as coletas de dados e, por fim, procedemos à análise e interpretação dos dados. Utilizamos parte da pesquisa Socioeducacional I: Histórias locais - histórias de vida e da comunidade - e a Pesquisa Socioeducacional II: Práticas escolares e não escolares como apoio para escrever a historicidade da escola e da comunidade pesquisada. Essas pesquisas consistem nas entrevistas realizadas com os moradores mais antigos da comunidade, que contam a sua trajetória de vida e a formação da comunidade ao longo dos anos, também pesquisa com os responsáveis da escola para construirmos seu histórico. Foi realizada entrevista com a professora e também observações em sala de aula na turma do 9º ano, objetivando perceber como tem sido desenvolvido o ensino de Língua Portuguesa pela professora colaboradora de nossa pesquisa e quais concepções acerca de língua/linguagem/gramática regem suas metodologias e práticas pedagógicas em sala de aula com os alunos. Com este estudo, esperamos contribuir para uma discussão sobre o ensino de Gramática e a importância da compreensão das variações linguísticas para além da simples prática de valorização da Gramática Normativa, pois sabemos das diversidades linguísticas existentes em nossa comunidade.

Palavras-Chave: Variação linguística; língua/linguagem e ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work aims to investigate how the teaching of Portuguese Language in the New Canaan School is approached in Vila Limão, Jacundá, Pará. The research methodology designed for this study is the qualitative research of an ethnographic nature. For the development of this research, we perform 30 hours of observations in the classroom. Then the interviews and the data collection, and finally, we proceed to the analysis and interpretation of the data. We used part of Socioeducational research I: Local histories - life and community histories - and the Socio-educational Research II: School and non-school practices as a support to write the historicity of the school and the community researched. These surveys consist of interviews with the community's oldest residents, who tell about their life trajectory and the formation of the community over the years, as well as research with school officials to build their history. An interview was conducted with the teacher as well as classroom observations in the 9th grade class, aiming to understand how the Portuguese language teaching has been developed by the collaborating teacher of our research and what conceptions about language / language / grammar govern their methodologies and pedagogical practices in the classroom with students. With this study, we hope to contribute to a discussion about the teaching of Grammar and the importance of understanding linguistic variations beyond the simple practice of valuing Normative Grammar, since we know of the linguistic diversity existing in our community.

Keywords: Linguistic variation; language / language and Portuguese language teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
0.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
0.2 OBJETIVOS	12
0.3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS	12
0.4 ORGANIZAÇÃO DO TCC	13
0.5 CONCLUSÃO	14
INTRODUÇÃO	15
1. NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A VILA LIMÃO	16
1.1. POPULAÇÃO.....	17
1.1.1 ECONOMIA	18
1.1.2 ORGANIZAÇÃO DOS MORADORES.....	19
1.2. ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOVA CANAÃ	21
1.2.1 HISTÓRICO DA ESCOLA	22
1.2.2 SITUAÇÃO LEGAL DA ESCOLA.....	23
1.3 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO FALAR LOCAL.....	25
1.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	26
2. LÍNGUA, GRAMÁTICA E ENSINO DE PORTUGUÊS	27
2.1. CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM.....	27
2.2 CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA	29
2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	31
2.3.1 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA	32
2.3.2 VARIAÇÃO DIATÓPICA	33
2.3.3 VARIAÇÃO DIAFÁSICA	33
2.4 A ESCOLA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	34
2.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	35
3. ANÁLISES.....	36

3.2. CARACTERIZANDO O LUGAR DE PESQUISA	37
3.3. ESCOLHA DA PESQUISA	38
3.4. ETAPAS DA PESQUISA	39
3.5. CONCEPÇÕES E FORMA DE ENSINO DA PROFESSORA.....	40
3.7 PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA	54
3.8 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

INTRODUÇÃO

0.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho de conclusão de curso busca investigar como tem sido desenvolvido o ensino de Língua Portuguesa na Escola Nova Canaã, localizada na Vila Limão a sessenta quilômetros de Jacundá, Pará, localidade em que foram realizadas todas as pesquisas do tempo espaço/localidade, no que concerne à concepção de língua/linguagem/gramática da professora colaboradora de nossa pesquisa. Durante esses quatro anos de pesquisas realizadas na comunidade, questões foram surgindo e nos momentos de estágios de observação e intervenção no ensino fundamental, houve uma inquietação que me motivou a realizar esta pesquisa, tendo em vista, compreender como a professora aborda a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa na sala de aula com os alunos, e qual a sua concepção de linguagem. Assim, começamos um estudo para tentar mostrar como a variação linguística tem sido trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa e qual concepção de língua norteia a prática docente.

0.2 OBJETIVOS

Geral:

- Investigar como tem se dado o ensino de Língua Portuguesa na escola Nova Canaã, diante da diversidade dialetal existente na comunidade.

Específicos:

- Investigar as concepções norteadoras da prática pedagógica da professora;
- Analisar como a professora trata o ensino de língua/linguagem/gramática;
- Analisar a importância dada pela professora às modalidades oral e escrita da língua;

0.3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Realizamos observações etnográficas na disciplina de Língua Portuguesa. Entrevistamos a professora. Retomamos as pesquisas Socioeducacionais anteriores como

apoio para construir a historicidade da escola e da comunidade pesquisada. A parte que utilizamos das pesquisas anteriores são entrevistas que relatam sobre a comunidade e a escola e o histórico construído no tempo comunidade II, uma construção desenvolvida durante toda a formação.

A entrevista realizada com a professora teve o intuito de compreender quais concepções de língua/linguagem e gramática norteiam a prática pedagógica da professora e como essas concepções contribuem para o ensino de língua plural, isto é, o ensino que abranja tanto a norma padrão, quanto as outras normas linguísticas existentes na comunidade, haja vista que seus moradores são oriundos de diferentes locais do território nacional. Tentamos também confrontar as respostas dadas pela a professora na entrevista com a sua prática efetiva em sala de aula, a partir de nossas observações e anotações, pelo material disponibilizado pela docente¹ e pelo material disponibilizado pelos discentes.

0.4 ORGANIZAÇÃO DO TCC

Este estudo está organizado assim: uma introdução e três capítulos. Na introdução apresentamos as considerações iniciais, objetivos e metodologia empregada neste estudo. No primeiro capítulo, discorremos sobre a historicidade da Vila Limão e da escola Nova Canaã, trazendo as vozes dos sujeitos moradores antigos na região, os quais nos contam como surgiu essa comunidade, e as dificuldades que enfrentaram para conseguir construir a escola, espaço formal de educação de grande importância na comunidade. No segundo, tratamos da fundamentação teórica, no qual apresentamos conceitos de língua/linguagem, gramática, variação linguística e a sua importância no ensino de Língua Portuguesa de acordo com os autores mobilizados neste estudo. No terceiro capítulo, apresentamos as análises da entrevista realizada com a professora de Língua portuguesa da Escola Nova Canaã, visando obter a compreensão da docente sobre língua/linguagem/gramática e, em seguida, analisamos algumas de suas práticas pedagógicas objetivando identificar qual concepção de língua/linguagem/gramática norteia o seu trabalho em sala de aula.

¹ Devido perdas de material no percurso da pesquisa, não conseguimos contactar a docente para recolher os materiais pedagógicos.

0.5 CONCLUSÃO

Apresentamos acima as considerações iniciais, os objetivos gerais e específicos deste estudo, a metodologia, a coleta de dados e a organização deste trabalho acadêmico.

INTRODUÇÃO

Compreendemos a língua como um sistema simbólico e coletivo exclusivo da espécie humana. O homem a utiliza para representar o universo sociocultural em que vive e para interagir com o outro. É pela posse de pelo menos uma língua que o homem se diferencia de outras espécies animais. Não existe sociedade humana desprovida de uma língua. É ela que nos torna humanos, sendo o principal veículo de transmissão e aquisição da cultura de um povo. Desde criança, adquirimos uma língua a partir da convivência com nossa mãe, nosso pai, nossos parentes, vizinhos e amigos em diversas situações de comunicação e interação da vida cotidiana.

As atividades de pesquisa realizadas na escola Nova Canaã me permitiram perceber uma variedade dialetal grande na Vila Limão, despertando em mim o interesse em desenvolver uma investigação para compreender como a escola tem recepcionado e lidado com essa multiplicidade de falares, conciliando-os com o ensino da variedade padrão. Essa variedade dialetal existente na comunidade ocorre em virtude de sua formação ser composta por sujeitos de diferentes regiões do país, com níveis de escolaridade distintos, diferentes faixas etárias, etc. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo investigar como a escola lida com a pluralidade linguística e, especificamente, como a professora de Língua Portuguesa desenvolve suas práticas pedagógicas nas aulas com relação a conceitos de língua/linguagem e gramática.

A Pesquisa foi realizada no ano de 2018 na Escola de Ensino Fundamental Nova Canaã com as observações da prática pedagógica da professora de Língua Portuguesa durante algumas de suas aulas na turma do 9º ano.

1. NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A VILA LIMÃO

A Vila Limão está localizada a sessenta quilômetros do município de Jacundá do qual pertence e faz divisa com o município de Nova Ipixuna. Esta Vila fica às margens do rio Piranha, afluente do rio Tocantins. O rio Piranha foi inundado pela barragem da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, tornando um grande lago.

A Vila originou-se há aproximadamente trinta anos, quando era um grande castanhal, de suposta propriedade de uma senhora conhecida como Beatriz, que, segundo os moradores, dizia-se dona da área, embora não o comprovasse documentalmente. Ela não residia no castanhal, apenas tinha dois barracões, um para armazenamento da castanha e outro para abrigar as pessoas trazidas pela proprietária para trabalhar na exploração da castanha, cujo escoamento ocorria via fluvial para, Jacundá, Nova Ipixuna e Marabá, de onde prosseguia para Belém.

Na época, eles ficaram sabendo que aqui no Pará havia terras disponíveis para posseiros. Foram chegando migrantes de Minas Gerais, Bahia, Maranhão, e até mesmo de outros municípios do estado do Pará, como afirma um dos entrevistados “surgiu essa terra aqui, onde eu tô agora, e a dona que era dona disse que era dona, não tinha documento, só andava aqui na época de castanha, nem ela não vinha. Botava um pra cortar castanha e depois dessa castanha, ficava desocupado” (ENTREVISTA 2, Roberto², natural do Maranhão). A proprietária, de início, não aceitava as pessoas que se instalavam na propriedade, o que gerou alguns conflitos entre os ocupantes da propriedade e a senhora Beatriz, que teria agido até mesmo de forma violenta contra os ocupantes, intimidando-os através de seus capangas armados com arma de fogo, conforme relata Roberto, “Quando a veia (velha) disse que se num fosse pra ficar com o pedaço que ela queria, também ia desistir. Desistiu” (ENTREVISTA 2, Roberto, natural do Maranhão). A dona Beatriz não conseguia controlar o número de pessoas que já havia tomado de conta do seu castanhal, pois era cada vez maior a chegada de mais pessoas. Os posseiros queriam que a suposta proprietária comprovasse com documentos que era a dona da área. Segundo os posseiros, ela não teria conseguido comprovar, o que os teria encorajado a lutar pela terra.

Após a Senhora Beatriz dona do castanhal ter abandonado as terras e muitas pessoas terem se acumulado no lugar, o Grupo Executivo de Terras Araguaia Tocantins

² O entrevistado está representado pelo nome Roberto, um nome fictício, por não ter a autorização para o uso do seu nome.

(GETAT), regularizou as terras. Os moradores criaram a Vila Tancredo Neves - popularmente conhecida como Vila Bagaço - para ser o ponto central da comunidade, mas não deu muito certo devido à dificuldade de acesso à água potável. Então, os moradores foram se deslocando para mais próximo ao rio Piranha, em cuja proximidade havia um grande pé de Limão. O pé de Limão se tornou uma referência pelos moradores, dando origem ao nome da Vila Limão, segundo um morador.

(...) Aí foi naquele tempo era... não era o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), era o GETAT (...) o GETAT deu o direito pra ela ficar com a do Pau D'arco, e essa estradinha aqui era de carregar castanha, que era estradinha de tropeira carregar castanha do mato. E o GETAT deu o direito dela ficar com esse lado da estradinha pra o Pau D'arco. (ENTREVISTA 2, Roberto, natural do Maranhão).

Entretanto, com a construção da barragem de Tucuruí algumas terras foram inundadas, formando um lago, destruindo floresta nativa, fauna, causando muitos danos aos moradores, alguns dos quais chegaram até a desistir de suas terras, pois, surgiram muitos mosquitos transmitindo doenças, como a malária, além de o ecossistema e o meio ambiente terem sido radicalmente modificados pela barragem.

No começo da fundação da Vila vinham médicos da cidade para atender as demandas dos moradores: eles cuidavam dos doentes, aplicando-lhes vacinas. Com o passar dos anos, essa situação foi mudando e os governantes foram deixando de mandar médicos para a Vila até chegar à situação atual de que, se algum morador necessitar de ajuda médica, deve se encaminhar à cidade de Jacundá.

1.1. POPULAÇÃO

A população da Vila Limão é oriunda de diferentes regiões, o que reflete na heterogeneidade do falar da Vila. Vivem na comunidade aproximadamente 100 famílias, algumas das quais moram nas proximidades e outras, na própria Vila. Na Vila, há uma escola, uma igreja católica e uma evangélica, um campo de futebol, onde ocorrem torneios e campeonatos, alguns bares e pequenos comércios e uma sorveteria, que vende produtos caseiros como sorvetes e geladinhos, muito prestigiados tanto pelos moradores da Vila, quanto pelos visitantes.

Desde que chegaram à comunidade, os moradores se uniram para reivindicar diversas coisas para trazer melhorias às suas famílias. Os moradores tinham grande dificuldade, na época, de ir à cidade, pois não havia estradas. Então, resolveram acampar

por tempo indeterminado com suas famílias até o poder público construir a estrada até as margens do lago, conforme explicita a entrevista do senhor Roberto:

Mas não tinha estrada não, a estrada era um picadinho de carregar os burro, né, passava o tempo todin sem ninguém andar, depois é que o pessoal foram fazendo um picadinho e vai com o tempo foi aparecendo madeireiro comprando madeira, os madeireiro entrava e fazia uns arrastão, era isso... (Roberto, natural do maranhão, entrevista 2, em 29/09/2014).

Os moradores se organizaram através de Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Associação Agroextrativista dos Produtores Familiares da Vila Limão- AGROVIL, e conseguiram essa melhoria para a comunidade. Eles sempre procuram se organizar para resolver os problemas da comunidade como um todo. É comum haver trabalhos voluntários e mutirões na Vila, por uma relação de companheirismo entre os moradores, como foi o caso da primeira escola e igreja na Vila Bagaço e, posteriormente, na Vila Limão, que foram construídas pelos moradores com muito esforço por meio de mutirão.

1.1.1 ECONOMIA

A economia dos moradores da comunidade é baseada na agricultura familiar, produção leiteira, pesca artesanal e pecuária. Com entrevistas feitas na primeira pesquisa desenvolvida na comunidade, destacamos que o lago se tornou importante para a comunidade, pois, é um meio de sustento de muitas famílias que utilizam a atividade pesqueira nos períodos de inundação, além de ser local de lazer para os moradores da Vila e dos visitantes, como ilustra a figura abaixo:

Figura 1: Margem do lago no período de inverno:



Fonte: Tempo Comunidade TCVII, 2018

No período chuvoso, é o momento mais vantajoso para os moradores que desenvolvem atividades pesqueiras, pois conseguem fazer boas pescas e adquirir uma

renda melhor para o sustento da família. Mas, aos que trabalham com a produção leiteira, no tempo chuvoso, as estradas ficam intrafegáveis e dificultam o escoamento do leite até a cidade e causam, às vezes, prejuízos àqueles que desenvolvem essa atividade no período de chuva.

1.1.2 ORGANIZAÇÃO DOS MORADORES

A Associação Agroextrativista dos Produtores Familiar da Vila Limão (AGROVIL) foi fundada em 15 de janeiro de 2000, com a finalidade de organizar os trabalhadores rurais da comunidade a enfrentarem seus problemas e procurarem soluções aos mesmos, sejam eles de ordem econômica, social, como recebimento de auxílios sociais, doações, taxas e contribuições. Esta Associação não possui sede própria. Suas reuniões acontecem na escola Nova Canaã, como pode ser observada na figura 2, que registra o momento de reunião com representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Mês de abril de 2015.

Figura 2: Reunião do Sindicato dos Trabalhadores rurais com moradores da vila Limão:



Fonte: Francisca Lima, 2015

A AGROVIL tornou-se uma peça importante como forma de organização dos moradores como nos afirma o entrevistado Fabricio³.

Eu acho que a Associação, ela, funciona como um, como eu diria, um aparelho meio que, organizador da comunidade, né, então assim, várias reivindicações feitas pelo grupo, organizado pela Associação, pela própria direção da Associação, talvez de dez reivindicações a gente tenha conseguido aí umas seis

³ Fabricio Araújo Costa, morador da Vila Limão no município de Jacundá – PA, entrevista realizada em 2015, no Tempo Comunidade TCII.

ou sete, mais ou menos nessa faixa, o que dificulta, né, se tu for de forma por exemplo, de forma individual, fazer uma reivindicação junto ao poder público, tu encontra uma resistência a mais, então a Associação tem uma, eu diria, que uma importância fundamental na organização da comunidade, em alguns aspectos, não em todos, mas em alguns aspectos a Associação, ela é fundamental na organização desse processo (FABRICIO, Vila Limão 2015, Tempo Comunidade TCII).

A Associação desenvolve um papel importante na comunidade, buscando melhorias no sistema de produção nas áreas mecanizadas para o cultivo, financiamento de incentivo à agricultura familiar e produção leiteira, como nos afirma Fabio na sua entrevista.

A Agrovil é muito importante porque através dela a gente conseguiu os tanques e através desse tanque a gente conseguiu elevar o preço do leite de R\$ 0,24 em 2010 para R\$ 0,70 em 2012 e isso foi muito importante (...) depois que a gente alavancou ela em 2010, a vila teve muito ganho, é, inclusive um poço artesiano que estava com doze anos, é, sendo pedido para o poder público, a gente conseguiu em 2014, esse poço é, energia, não tá, não tá, de qualidade, mas melhorou bastante, através da Associação, a iluminação pública, também que não tinha, temos agora, não é cem por cento, mas a gente tem, as estradas, através da Associação, a gente conseguiu também. (FABIO⁴, Vila Limão, 2015).

Através da AGROVIL, a vila possui três tanques de resfriamento de leite, que ajudou a qualificar a bacia leiteira da comunidade e, de certo modo, incentivar sua produção, na figura 3, podemos observar um dos tanques de leite.

Figura 3: Tanque de resfriamento de leite:



Fonte: Adriele Nogueira, Pesquisa de campo 2015.

A Associação, em parceria com o SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas, e a Secretaria de Agricultura tem ofertado vários cursos aos

⁴ Fabio Araújo Costa, morador da Vila Limão no município de Jacundá – PA, entrevista realizada em 2015, no Tempo Comunidade TCII.

moradores da Vila Limão, como: produção de derivados de leite; doma racional; agente vacinador; inseminação artificial; empreendedorismo rural; melhoramento genético; pastagem; piquete e planejamento do lote. A instalação dos tanques e resfriamento de leite aumentou à produção leiteira. Com o tempo, a pecuária ganhou forças, tornando-se uma das principais fontes de renda da localidade, como nos afirma um dos entrevistados.

Os cursos só vêm agregar, a gente tem uma parceria com o SEBRAE e Através do SEBRAE e SENAR a gente teve o curso de doma racional, melhoramento genético, inseminação, pastagem, piquete, são informações muito importante que a gente está se beneficiando com esses cursos. (...) Principalmente pelo o SEBRAE, veio doma racional, piquete pra gente fazer, e mais, negociação, que a gente não sabia negociar com o laticínio, teve curso de negociação planejamento, que eu estou me lembrando no momento, é esses, mais, mais de dez certeza que a gente fez os cursos. (FABIO, Vila Limão, 2015).

Figura 4: Criação de gado



Fonte: Tempo Comunidade TCVII, 2018

Nos dias atuais, a pecuária tornou-se mais uma fonte de renda aos moradores da Vila. Através do sistema de piquete, é possível produzir uma grande quantidade de leite e com mais qualidade.

1.2. ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOVA CANAÃ

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Canaã está localizada na Vila Limão na Vicinal 62 a 38 km da PA 150, município de Jacundá, Estado do Pará, escola oferta atualmente ensino fundamental do jardim até o 9º ano, atendendo as demandas da comunidade. Nas seções seguintes, tratamos do histórico da escola, de situação legal e de algumas características do falar local.

1.2.1 HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola Nova Canaã foi criada em março de 1990, através da mobilização dos pais, que se reuniram e reivindicaram junto às autoridades a construção de uma escola na comunidade. Como não foram atendidos, resolveram fazer um mutirão para construir um galpão que funcionaria como a escola. A prefeitura pagava apenas as professoras para ensinar as crianças da comunidade, enquanto as outras ações, para tornar possível o funcionamento da escola, eram organizadas pelos pais, como nos afirma Miranda.

Eu não consegui na época, muito pequena eu não consegui ver nenhum conflito as pessoas cobraram e eles simplesmente resolveram pagar as professoras, mas assim não fizeram escola então assim não tinha conflito porque os pais acabaram fazendo o barracão pra funcionar a escola e isso pra eles de alguma forma foi muito bom então pagavam a professora e os pais se viravam pra manter o lugar onde dos filhos estudarem (MIRANDA, Vila Limão, 2015).

Em 1992, devido às más condições do galpão, as aulas começaram a funcionar na Igreja Católica por um período de três anos, mas como os números de turma estavam aumentando, a igreja não suportava mais o número de alunos. Então novamente os moradores se reuniram para reivindicar a construção da escola, mas não foram atendidos, mais uma vez. Então, no ano 1995, resolveram construir a escola com recursos próprios. Algumas pessoas doaram madeiras e os que não tinham condições de contribuir com dinheiro contribuíram com mão-de-obra na construção da escola.

O primeiro processo de construção foi o galpão um barracão que os meninos estudava de baixo esse foi feito mutirão e fez um galpão as pressas, porque quando a prefeitura resolveu pagar os professores os pais reuniram muito rápido e fizeram esse galpão, depois de um tempo ela começou a funcionar na igreja católica, aí como as turmas já estavam aumentando já não cabia mais na igreja católica precisava de duas salas novamente os pais tornaram a cobrar da secretaria mas como não fizeram os pais se reuniram e construíram uma escola de tabua, já com duas salas e um quartinho pra guardar o material esse período durou quatorze anos só depois de quatorze anos que a prefeitura fez essa escola construída. (MIRANDA, Vila Limão, 2015).

A escola foi feita de tábua com duas salas e três quartos, que serviriam como depósitos para os materiais didáticos. Naquela época, já havia três professoras e as turmas foram divididas assim: uma turma de alfabetização, uma turma de 1ª e 2ª séries e outra de 3ª e 4ª séries.

A comunidade resolveu reivindicar o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries, pois a maioria dos alunos que terminavam a 4ª série, não tinham condições de continuar estudando. Novamente enfrentam resistência por parte de Secretaria de Educação, mas depois de muitas lutas, em 2000, foi implantando o seguimento de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, que funcionava no Sistema Modular de Ensino- SOME.

Em 2004, devido às péssimas condições da estrutura física da escola e as constantes reivindicações por parte da comunidade, a prefeitura, juntamente com a Secretaria de Educação resolveu construir a escola, com duas salas de aula, dois banheiros e uma cozinha. Esse espaço, não foi suficiente para a quantidade de turmas que foi aumentando nos anos seguintes.

Novamente os moradores foram reivindicar na Prefeitura a ampliação da escola, no que foram atendidos com a construção de mais duas salas de aula e um refeitório. Infelizmente, a prefeitura extinguiu o Ensino Médio na Vila, justificando que não havia alunos o suficiente e que não era viável manter os professores vindos da cidade de Jacundá.

1.2.2 SITUAÇÃO LEGAL DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Canaã é uma instituição administrada pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED de Jacundá e possui suas regras regidas pelo Projeto Político Pedagógico da escola – PPP, que foi elaborado por um grupo de professores da escola, buscando, na medida do possível, trabalhar de acordo com as propostas elaboradas pelo projeto. Atualmente a escola é construída de alvenaria pela prefeitura, como vemos na figura 5. Possui dois banheiros e uma cozinha, cinco salas de aula. Todas as reuniões sobre a comunidade, geralmente, são realizadas na escola por não ter local adequado e por ser um ponto de encontro e referência para os moradores.

Figura 5: Escola Nova Canaã:



Fonte: Tempo Comunidade TCVII, 2018.

A Escola Nova Canaã é independente, possui conselho escolar. A escola conta com programa *Dinheiro Direito da Escolar* –PDDE- anual que já existe desde 2001. A escola foi contemplada com o PDDE campo, PDDE Mais Educação, PDDE Atleta na

Escola. A Secretaria Municipal de Educação - SEMED de Jacundá dá pouca assistência para o planejamento das práticas pedagógicas da escola.

Segundo os docentes que contribuíram na construção do PPP, o ensino desenvolvido na comunidade objetiva educar para e pela vida. A maioria dos educadores são graduados ou licenciados em Educação do campo e procuram sempre realizar aulas diferenciadas através de planejamentos coletivos, voltado para a realidade da vila, para realizar esse ensino diferenciado os docente adota como princípios filosóficos:

- Educação para a autonomia e construção da consciência crítica do educando sobre o conteúdo estudado e a relação deste com o meio social em que está inserido;
- Educação para a convivência harmoniosa tanto entre o educando e a comunidade escolar, como também com o meio ambiente;
- Educação para a formação integral do educando, desenvolvendo os aspectos: físicos, mentais, sociais, políticos, éticos, cognitivos e afetivos;
- Educação para o reconhecimento e convivência com as diferenças e diversidades socioculturais e fisiológicas;
- Educação para o reconhecimento e convivência com as diferenças e diversidades socioculturais e fisiológicas; - Conhecimento como um bem comum e necessário ao longo da vida;

E como Princípios Pedagógicos:

- Escola como um espaço pensante, flexível, ético, aberto à pesquisa e à comunidade em que se insere;
- Atuação do professor como mediador e sujeito crítico da realidade no processo de ensino-aprendizagem;
- Reconhecimento do educando como um ser ativo e detentor de conhecimento;
- Currículo Integrado com a realidade social em que o educando está inserido;
- Conteúdos que possuam relevância no processo de ensino-aprendizagem e socialmente;
- Utilização de todos os recursos e espaços educativos possíveis, tornando-os pedagógicos;
- Metodologias diversificadas, que contribuíam para dinamizar melhorar a qualidade do ensino ofertado;
- Desenvolvimento de Projetos voltados ao melhoramento da qualidade do ensino na escola;
- Avaliação e formação continuada;

Nas nossas praticas temos tentado olhar com um pouco mais de atenção aquilo que tá acontecendo ao nosso redor que os alunos compreendem que tudo faz

parte de um processo maior global e que estudar ao que está acontecendo lá fora não significa que o que está acontecendo no mundo global não interfere nas nossas atividades por isso, nós tentamos discutir as atividades que são realizadas aqui na comunidade, para que eles compreendam que a comunidade está inserida num todo e que parte do que está acontecendo no mundo também refletir em nossas relações aqui e que eles compreendam e tentam refletir sobre a própria comunidade e buscar alternativas pra gente tente melhorar algumas situações. (MIRANDA, Vila Limão, 2015).

A escola atende no ano de 2018 o Jardim 1 e 2, Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos-EJA 2ª 3ª e 4ª etapas, totalizando um número de 123 alunos com 14 turmas.

A partir das entrevistas realizadas, observamos que a escola é muito importante para as pessoas da vila e é um ponto de referência para os encontros, reuniões e noites culturais que envolvem as pessoas, como podem ser observados na fala da professora Rosana a seguir:

Meu ponto de vista é enquanto educadora. Com certeza a escola tem a sua importância significativa, porque é o local onde geralmente, a comunidade se reúne pra poder discutir as demandas sociais da comunidade, tanto de forma escolar como informal. (Entrevista com a professora responsável da escola em 31/03/2015)

As atividades da escola desenvolvidas pelos alunos em forma de pesquisa são sempre encerradas em uma noite cultural, onde se faz socialização da sistematização e dos resultados da pesquisa à comunidade pelos próprios alunos, que, desde cedo, são incentivados a realizar apresentações em público e, de certo modo, desenvolver seu papel de pesquisador e seu senso crítico.

1.3 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO FALAR LOCAL

Na comunidade, há diferentes formas de falar. Em entrevistas feitas com os moradores, são perceptíveis às dimensões dialetais usadas pelos falantes no dia a dia, em muitos casos, por influência de sua região de origem, de sua faixa etária, de seu grau de escolaridade, do sexo e das redes sociais em que estão inseridos. Os jovens possuem diferentes formas de se expressar, como gírias, e abreviações de certas palavras e expressões restritas àquele grupo social, diferentes da forma como os mais velhos se comunicam.

Segundo os estudos da sociolinguística (BAGNO, 1961), as variações da fala não podem e nem devem ser consideradas erradas, pois em cada grupo existe uma forma diferente de se expressar, como por exemplo, um senhor de 80 anos na Vila Limão, que não possui escolaridade, mas sendo agricultor possui bastante conhecimento empírico e

consegue transmitir seu conhecimento para as pessoas que o procuram. Observemos o trecho a seguir:

Eu comecei estudar. Naquela época, me botaru (botaram) na escola. Aí quando eu tava, acho que tava na cartilha. Nesse tempo era cartilha né, tava na cartilha, já tinha sido assim quarto da cartilha, eu adoeci / F: hum rum! / eu comecei dar febre e aí entrevei, entrevei e ficô. Porque lá fazia muito frii (frio) né, entrevei e fiquei em riba (cima) da cama. (L. S.⁵, entrevista 3, 2014)

No recorte feito na entrevista acima é possível perceber que a pessoa possui um grau de escolaridade baixo, que seu *status* econômico também não é alto e que sua vivência é mais no meio rural. Diferentemente, no trecho “meus pais trabalhava com a terra, trabalhava na roça, tinha uma casa na cidade” (R. M. A. P.⁶, entrevista 1, 06/09/2014), percebe-se que, embora o indivíduo já possua um grau de escolaridade maior, na sua fala há traços que o identifica com norma linguística falada na comunidade.

1.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos o histórico da Vila Limão, como a comunidade está organizada sociocultural e economicamente. Apresentamos também os agentes de ensino existentes na comunidade – associação, escola –, detalhando as formas de organização dos gestores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Canãa, onde foram desenvolvidas as pesquisas para este trabalho.

⁵ O entrevistado está representado pelas letras iniciais L.S. por não ter a autorização para o uso do seu nome, natural da Bahia.

⁶ A entrevistada está representada pelas iniciais R.M.A.P. por não ter autorizado o uso de seu nome, natural de Minas Gerais.

2. LÍNGUA, GRAMÁTICA E ENSINO DE PORTUGUÊS

Neste capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre as concepções de língua/linguagem, gramática, (TRAVAGLIA, 2009; LYONS, 1979) e variação linguística (TRAVAGLIA, 2002; BAGNO, 2007), a partir das quais pretendemos analisar como o professor de português da escola Nova Canaã concebe a língua/linguagem, bem como as implicações dessa escolha em sua prática docente. Este capítulo está assim organizado: na seção 2.1 tratamos sobre as concepções de língua/linguagem. Na seção 2.2 discorremos sobre as concepções de gramática. Em 2.3, tratamos sobre o fenômeno da variação linguística na seção 2.4 discorremos sobre a escola e a variação linguística e sua importância ao ensino e aprendizagem de língua portuguesa e na seção 2,5 apresentamos o resumo do capítulo.

2.1. CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM

Na literatura linguística, encontramos três concepções sobre língua/linguagem que norteiam o trabalho docente de língua materna, a saber: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma ou processo de interação (cf. TRAVAGLIA, 2002).

A primeira concepção está intimamente relacionada aos saberes dos manuais normativos, que os indivíduos devem dominar para se “expressar bem”, pois, segundo tal concepção, “as pessoas não se expressam bem porque não pensam” (TRAVAGLIA, 2002, p. 21). Ainda segundo essa visão, o indivíduo não depende do interlocutor, nem do contexto situacional para a expressão verbal, pois esta seria construída na mente de cada falante e o sucesso de sua exteriorização – vista apenas como uma tradução do seu pensamento –, estaria condicionado ao domínio pelo falante das regras estabelecidas nas gramáticas normativas, como esclarece Travaglia ao presumir que:

[...] há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente da linguagem. São elas que se constituem nas normas gramáticas do falar e escrever “bem” que, em geral, aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultam no que se tem chamado de gramática *normativa ou tradicional* (TRAVAGLIA, 2002, p. 21).

Entendemos que esta concepção de língua/linguagem parece estar extremamente alheia aos fatos linguísticos, além de conter um teor excludente e preconceituoso com respeito aos sujeitos que não dominam as regras desses manuais normativos. Como

sabemos, uma língua é um conjunto de variedades, isto é, uma língua naturalmente varia no espaço e com o passar do tempo.

Na segunda concepção de língua/linguagem, a língua é reduzida a um código, organizado segundo regras combinatórias, cujo único papel é transmitir informações de um emissor a um receptor (falante/ouvinte). Segundo Travaglia (2009), essa concepção levou ao estudo da língua de forma isolada de seu uso real e de seu contexto de produção social e histórico, limitando-se ao estudo do funcionamento interno da língua. Ainda segundo essa concepção, a enunciação seria um ato puramente mecânico, em que um falante que tem uma mensagem a transmitir, fá-lo por meio de um canal a um ouvinte, que necessariamente precisa conhecer o canal para, então, decodificar a mensagem e depois, possivelmente codificar uma mensagem e enviar ao seu ouvinte, como mostra o trecho a seguir:

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação (TRAVAGLIA, 2002, p. 22).

A terceira concepção de língua/linguagem, *linguagem como forma ou processo de interação*, é muito diferente das duas anteriores, pois aqui o indivíduo não só traduz ou exterioriza um pensamento, ou transmite uma mensagem a alguém no ato enunciativo, mas sim realiza ações, age, atua sobre o interlocutor e por ele também é influenciado. A língua é vista como meio de interação social entre os falantes, os quais fazem da enunciação uma forma de interação, pois no momento em que enuncia ele pode ser envolvido e até mesmo modificar sua expressão. Dito de outro modo, o sujeito falante participa em diversos domínios de interação sociocomunicativos e com diversos sujeitos, devendo adequar sua fala a inúmeros domínios linguísticos e a diversos interlocutores. Por isso, o ensino de língua nas escolas deve aprimorar a competência dos alunos e não ignorar os seus conhecimentos. A língua sendo um fenômeno heteróclito por natureza, a escola deve mostrar sistematicamente aos discentes as diversas variedades linguísticas existentes no meio social e os contextos adequados em que devem ser usados, e não reduzir o ensino de língua portuguesa ao estudo da norma padrão descontextualizado do uso real da língua. Como afirma Possenti (2000), a língua não sendo uniforme sofre variação de fatores externos, entre outros, os fatores geográficos, os de faixa etária, os de classe social, de sexo, de grau de instrução, de profissão e de fatores internos. “Sabe-se hoje que a variação é condicionada tanto por fatores externos à própria língua quanto por

fatores internos” (POSSENTI, 2000, p.58). Em nossa realidade cotidiana, parece estarmos cercados por essa última concepção de língua/linguagem, já que fazemos uso da língua para interagir com nosso interlocutor e provocar nele algum efeito de sentido através de ato linguístico.

2.2 CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA

O conceito de gramática está intimamente ligado à concepção de língua/linguagem que temos e/ou adotamos em nossa prática pedagógica no ensino de língua portuguesa. Nesse sentido, extraem-se basicamente três concepções a respeito do termo gramática, a saber: gramática normativa, gramática descritiva e gramática internalizada.

A primeira concepção considera a gramática como “um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente” (TRAVAGLIA, 2009, p. 24). Trata-se de uma concepção de língua criada pelos especialistas, os chamados gramáticos, cujas obras baseiam-se em autores ditos clássicos de nossa literatura ou da literatura portuguesa. Em geral, é apenas esta concepção de língua/linguagem que os livros didáticos e pedagógicos apresentam como sendo a realidade de nossa língua, tornando o seu ensino e aprendizado uma obrigação nas escolas, já que se trata da língua (língua correta), cabendo aos alunos dominarem-na tanto na modalidade escrita, quanto oral. A *gramática normativa* é, assim, um conjunto de regras criadas para escrever e falar bem e “tudo que foge a esse padrão é “errado” (agramatical, ou melhor dizendo, não gramatical) e o que atende a esses padrões é “certo” (gramatical)” (TRAVAGLIA, 2002 p.25). A gramática normativa, ao levar em consideração somente a língua utilizada pelos escritores consagrados, deixa de lado a língua oral, criando preconceitos linguísticos, pois considera a gramática normativa como absoluta e concreta desvalorizando quaisquer manifestações linguísticas que destoem dessas normas.

A segunda concepção, a *gramática descritiva*, descreve a estrutura e o funcionamento da língua. Nessa concepção, o linguista investiga a forma e a função da língua em uso real pelos falantes, a partir do qual um conjunto de regras será descrito para determinar e representar determinada variedade linguística, mesmo que essas regras não sejam aquelas impostas pela gramática normativa. Em outras palavras, nessa visão de gramática, os linguistas se preocupam em descrever as regras que são utilizadas pelos falantes em suas interações verbais. O estudo feito por linguistas a respeito das variedades

linguísticas ajuda no processo de ensino do professor quando este se propõe a trabalhar a língua materna com os alunos, conforme esclarece Travaglia:

São representantes dessa concepção as gramáticas feitas de acordo com as teorias estruturalistas que privilegiam a descrição da língua oral e as gramáticas feitas segundo a teoria gerativa transformacional que trabalha com enunciados ideais, ou seja, produzidos por falante-ouvinte ideal (TRAVAGLIA, 2002, p. 27).

A terceira concepção, rotulada de *gramática internalizada*, considera a língua como um conjunto de variedades a serem usadas pelos falantes em conformidade com os contextos situacionais em que estão inseridos no ato comunicativo. A gramática é considerada aqui como um conjunto de regras apreendido pelos falantes, que a utiliza adequadamente ao interagir socialmente. Trata-se do “... saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica”. (FRANCHI, 1991, p. 54, APUD TRAVAGLIA, 2009, p. 28). Em outras palavras, o falante não precisa ir à escola, estudar um livro de gramática para saber gramática. Para tal, basta que ele esteja inserido em um meio social e fazendo uso social da língua usada na comunidade para ele apreender a gramática dessa variedade linguística, pois, como bem afirma Travaglia (2009), não há livros dessa gramática, pois ela é adquirida no dia a dia durante nossas interações verbais com os outros falantes e vai se internalizando em nossas mentes.

Outra questão importante a ser tratada sobre essa concepção de gramática diz respeito à noção de erro. A esse respeito, Travaglia nos esclarece que:

Nessa concepção de gramática não há o erro linguístico, mas a **inadequação** da variedade linguística utilizada em determinada situação de interação comunicativa, por não atendimento das normas sociais de uso da língua, ou a inadequação do uso de um determinado recurso linguístico para a consecução de uma determinada intenção comunicativa que seria melhor alcançada usando-se outro (s) recurso(s) (TRAVAGLIA, 2002, p. 29).

Diante do exposto, concluímos que a gramática normativa dita regras que devem ser compulsoriamente seguidas para falarmos e escrevermos “corretamente”, pois ela representa a língua oficial. Mas, não seria possível à escola estabelecer diálogo entre essas três concepções de língua/linguagem e gramática, uma vez que todas representam distintas realidades linguísticas em nossa sociedade? Infelizmente isso ainda não é realidade nas escolas brasileiras de um modo geral, pois, quando se fala em ensino de gramática, os professores já pensam em regras, de como ensinar o certo e o errado seguindo as regras da gramática normativa, independentemente do contexto de produção

da fala. Diferentemente da gramática normativa, a gramática descritiva não trabalha somente com a língua culta, mas com todas as variações linguísticas, descrevendo-as e tentando explicar as suas regras. A gramática internalizada, por sua vez, está sendo armazenada na mente de cada falante, conforme sua inserção interativa no grupo social do qual é membro.

2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A questão da variação linguística ainda hoje é um dos maiores problemas enfrentados por professores de língua portuguesa em suas atividades docentes. Muitos ainda atrelados à concepção tradicional de língua/linguagem e gramática, restringem o ensino da língua portuguesa às regras das gramáticas normativas e não aos distintos usos linguísticos que fazemos na sociedade ao interagir com nosso interlocutor, tanto na modalidade oral, quanto escrita na língua. Sabemos que o Brasil é um país de dimensões continentais. E embora todos falemos português de norte a sul e leste a oeste do país, não falamos necessariamente da mesma forma. Existem diferenças na pronúncia, no uso de vocábulos, na organização de frases e até mesmo de sentido atribuído a determinadas palavras, conforme seu contexto. Essas e outras diferenças linguísticas podem ocorrer em função da região do falante, classe social, idade, do sexo, grau de escolaridade etc. Dessa forma, a escola não pode ignorar o conjunto de fatores responsáveis pelo nosso falar plural, diversificado e diferente. Concordamos que é dever da escola ensinar a língua padrão e dar acesso aos alunos aos bens culturais. Mas acreditamos também que seja possível à escola ensinar o aluno a transitar pelas diversas variedades linguísticas de acordo com as exigências situacionais de cada processo interacional, tornando o aluno um poliglota da própria língua, isto é, um sujeito capaz de transitar adequadamente pelos diversos níveis de comunicação linguística, seja na modalidade oral, seja na escrita. Dessa forma, a escola estaria prestando um grande serviço social e cidadão e ao mesmo tempo, mostrando que não nos comunicamos da mesma forma em todas as situações de interlocução a que estamos sujeitos enquanto falantes e membro de nosso grupo social.

Percebe-se uma tentativa por parte das escolas em incluir o assunto da variação linguística no currículo, mas sua materialização em sala de aula pelos professores de língua portuguesa parece de difícil alcance. Quando o assunto é trabalhado em sala de aula, não raro a variação é tratada a partir de dois polos extremos: de um lado, o falar da cidade em oposição ao falar do campo, sendo atribuído a este último, conotações pejorativas e preconceituosas. Tal postura - consciente ou inconscientemente - é muitas

vezes corroborada pelo professor quando sugere atividades em que os alunos devem reescrever expressões típicas do falar do campo, corrigindo os supostos erros ortográficos, de regência e concordância verbal e nominal em favor da norma padrão (cf. MIRANDA, 2018, 55-56).

Ao contrário do que a tradição gramatical preconiza sobre a língua ser homogênea e imutável, ela é, de fato, “um fenômeno heterogêneo, múltiplo, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção” (BAGNO, 2007, p. 36). Além disso, é importante compreendermos que língua e sociedade estão intimamente relacionadas, uma vez que a língua reflete todos os acontecimentos e evoluções por que passa a sociedade. Nesse sentido, a variação linguística é compreendida como reflexo de uma sociedade heterogênea, plural e estratificada, na qual também há diversos eventos verbais em que o falante deve adequar seu modo de falar em função de seu ouvinte. Desse modo, podemos afirmar que seria impossível compreender as variações linguísticas sem que se compreenda a sociedade, visto que “Uma variedade linguística é um dos muitos “modos de falar” uma língua. [...] esses diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de escolaridade etc. (BAGNO, 2007, p. 47)”.

Nas subseções seguintes, apresentamos brevemente alguns tipos de variação linguística, de acordo com Bagno (2007), cuja compreensão é necessária ao trabalho docente no ensino e aprendizagem de língua.

2.3.1 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA

A variação diastrática é responsável por explicar os modos de falar das diferentes classes sociais, sendo que cada grupo desenvolve uma maneira própria de se expressar, caracterizando-o como uma comunidade de fala. É importante observar que cada variedade linguística apresenta normas ou regras peculiares, conhecidas e utilizadas naturalmente pelos seus falantes, independentemente se tais normas ou regras não coincidam com aquelas da norma padrão. Dentre os fatores que contribuem para a variação diastrática, podemos destacar, conforme Bagno (2007) o status econômico, a escolaridade, o mercado de trabalho, idade e sexo. Ainda com relação à variação diastrática, Travaglia (2002) esclarece que:

Os dialetos na dimensão social representam as variações que ocorrem de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua, isso porque há uma “tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da comunidade” (Camacho, 1988:22),

geralmente com relações bastante estreitas e interesses comuns. (TRAVAGLIA, 2002, p. 45).

2.3.2 VARIAÇÃO DIATÓPICA

Podemos dizer que a variação diatópica ocorre em função da região de origem do falante. Assim, os falares serão tão diferentes quanto à origem geográfica dos sujeitos falantes. Essas diferenças linguísticas em função da origem geográfica do falante podem ser denominadas de dialetos. O conceito aqui apresentado sobre variação diatópica é corroborado por Bagno (2007), ao afirmar que:

A língua varia de um lugar para outro [...] (p. 43). É aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. [...] (BAGNO, 2007, p.47).

Na variação diatópica, as diferenças acontecem na pronúncia, entonação, utilização de vocábulos específicos de cada região para designar um mesmo referente, na organização dos constituintes da sentença, dentre outras. Este tipo de variação é muito marcado pelos sotaques, próprios de cada região. Assim, podemos falar em sotaque, paraense, maranhense, gaúcho, paulista, carioca, baiano etc.

2.3.3 VARIAÇÃO DIAFÁSICA

A variação diafásica consiste na adequação do discurso em função do interlocutor. Conforme Bagno, “é o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento” (2007, p. 45). Dito de outro modo, a pessoa muda a sua maneira de falar dependendo do ouvinte e da situação em que se encontra –formal ou informal –, podendo também ser considerado como monitoramento estilístico, pois essa variação estuda especificamente o comportamento linguístico de cada indivíduo, como esclarece, Bagno:

Essa situação poder ser de maior ou menor formalidade, de maior ou menor tensão psicológica, de maior ou menor insegurança ou autoconfiança, de maior ou menor intimidade com a tarefa comunicativa que temos a desempenhar, etc. Cada um desses tipos de situação vai exigir do falante um controle, uma situação e um planejamento maior ou menor do seu comportamento em geral, das atitudes e, evidentemente, do seu comportamento verbal. (BAGNO, 2007, p. 45)

2.4 A ESCOLA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua, como já foi explicitado neste estudo, é um conjunto de variedades do qual os falantes lançam mão para promover a interação sociolinguística. É sabido também que todas as variedades têm o mesmo valor funcional, isto é, todas servem satisfatoriamente à comunicação e interação verbal. O teor pejorativo atribuído a uma ou outra variedade linguística, só é explicado – mas não justificado – sociologicamente a partir do preconceito social com a grande maioria da população brasileira que não tem acesso, ou tem acesso limitado à norma linguística socialmente prestigiada. Nesse sentido, a escola brasileira tem papel fundamental na desconstrução desse preconceito com todas as variedades linguísticas chamadas de não padrão. Cabe à escola o exercício cidadão de difundir o respeito e a valorização dessas variedades, uma vez que, respeitar as formas diferentes de se dizer a mesma coisa, é respeitar as pessoas, que também são diferentes, que têm experiências e vivências diferentes no seio da nossa sociedade. Não cabe à escola, de modo geral, e ao professor, de maneira específica, discriminar, ridicularizar, inferiorizar o aluno simplesmente pelo fato de ele não dominar a norma padrão. Muito pelo contrário, é dever da escola e do professor mostrar aos alunos a verdadeira natureza da língua: variar no espaço e mudar com o tempo. É dever da escola e do professor mostrar aos alunos que eles têm ao seu dispor um leque de possibilidades de expressão verbal. É dever da escola e do professor mostrar aos alunos que cada variante linguística têm o seu contexto próprio de uso. E, ainda, é dever da escola e do professor ensinar os alunos a usar cada variedade adequadamente conforme as circunstâncias de interação comunicativa.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais corroboram nossa assertiva acima, ao definir a língua como “um lugar de interação, um conjunto de prática sociais” (PCN, p. 67). Essas práticas sociais devem ser efetivamente acionadas pelo professor em sua prática pedagógica, visando ao desenvolvimento de habilidades e competências linguísticas dos alunos. Os Parâmetros curriculares Nacionais mostram muito claramente qual o real objetivo do ensino-aprendizagem de língua ao afirmar que

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores e a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (PCN- Língua Portuguesa, 1998, p. 31).

O professor deve ter uma formação sólida com base em sociolinguística para poder lidar com mosaico linguístico que encontra em sala de aula. Sabendo que é dever da escola ensinar a variedade padrão, sobretudo nas escolas públicas cujos alunos têm pouco contato com práticas de letramento, acreditamos que o trabalho docente com gêneros textuais orais e escritos pode ser o caminho para a escola desenvolver atividades que estimulem o ensino e aprendizagem tanto da variedade padrão quanto das consideradas não padrão, mostrando aos alunos que para cada gênero textual, há uma forma linguística mais adequada. Assim, elimina-se a ideia preconceituosa do “certo” e do “errado”, que deve ser substituída pela ideia de “adequado” e “inadequado”, conforme o gênero discursivo.

2.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos os teóricos e suas respectivas orientações acerca de concepções de língua/linguagem, gramática, variação linguística, que nos permitem refletir sobre a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas na escola que abordem a língua como um fenômeno plural, heterogêneo, dinâmico e sempre sujeito a mudanças no tempo e no espaço. Essas concepções acerca da língua/linguagem nos levam a pensar a escola como o lugar privilegiado do uso plural e diversificado da língua, devendo estimular os alunos a fazerem escolhas verbais distintas, conforme as situações de interação de que participam, tanto na modalidade oral, quanto escrita. Essa concepção é corroborada pelos PCN's, que compreendem a diversidade linguística e apontam a escola como sendo a principal instituição que deve instruir os sujeitos a desenvolverem habilidades e competências nas modalidades orais e escritas da língua.

3. ANÁLISES

Neste capítulo, apresentamos as análises feitas a partir da entrevista e das observações nas aulas realizada com professora de Língua portuguesa da Escola Nova Canaã, visando obter a compreensão da docente sobre sua concepção de língua/linguagem, bem como os acarretamentos decorrentes dessa concepção do fenômeno linguístico em sua prática docente. Este capítulo está assim organizado: na seção 3.1 apresentamos as metodologias utilizadas na pesquisa; em 3.2 caracterizamos o lugar de pesquisa; na seção 3.3, explicitamos sobre a escolha do lugar; em 3.4, apresentamos as etapas da pesquisa e em 3.5, apresentamos as concepções sobre língua/linguagem subjacentes na entrevista da professora e na seção 3.6, esboçamos algumas análises a partir da entrevista da professora; 3.7, apresentamos algumas análises acerca da sua prática pedagógica da professora e em 3.8, breve conclusão do capítulo.

3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta seção mostra os caminhos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, desde sua dimensão bibliográfica como também a coleta de dados, entrevistas com a professora e observações nas aulas de Língua Portuguesa. Identificamos a turma público-alvo da pesquisa e a professora que ministra aula de língua portuguesa nessa turma de 9º ano. Em seguida, houve uma conversa com a professora sobre o questionário e marcado o dia de fazer a entrevista. Além disso, realizamos 30 horas de observações em sala de aula durante as atividades pedagógicas da referida professora, com o intuito de conferir as informações colhidas nas entrevistas e sua prática real. Assim, acreditamos que será possível investigar a concepção de língua/linguagem subjacente às práticas pedagógicas da professora e como tal concepção se materializa nas aulas de língua portuguesa da professora.

Como já mencionamos, observamos a professora de Língua Portuguesa na turma do Ensino Fundamental II (9º ano) da Escola Municipal de Ensino fundamental “Nova Canaã”, localizada na Vila Limão, zona rural do município de Jacundá, a exatamente 60 km da sede do município, no sudeste do estado do Pará. Durante todo o processo da pesquisa, contamos com a contribuição da Professora regente da turma e da coordenadora pedagógica da escola, que sempre desenvolvem trabalhos interdisciplinares, uma vez que esta forma de trabalho já é adotada pela escola e desenvolvida pelo seu corpo técnico e docente.

A coordenadora pedagógica é formada no curso de Educação do Campo com licenciatura em Ciências Humanas e Sociais pela UNIFESSPA. A professora responsável é formada em pedagogia e concursada no município. Ela estimula e ajuda no desenvolvimento dos projetos da escola em parceria com outros professores. A coordenação da escola é atuante nos projetos desenvolvidos na escola.

3.2. CARACTERIZANDO O LUGAR DE PESQUISA

A partir do recorte feito nas pesquisas socioeducacionais I e II, coletamos os dados – Escola Municipal de Ensino fundamental Nova Canaã está situada na Vila Limão. Funciona em prédio próprio. Tem ao todo 4 salas de aulas, 2 banheiros, 1 cozinha, 1 secretária, 1 pátio coberto com refeitório, 1 espaço utilizado para plantar hortaliças.

A escola atende todas as crianças e todos os adolescentes que moram na vila e nos lotes, sem distinção de classe social, etnia, crença e cultura. Funciona em dois turnos: manhã e tarde, atendendo em média 120 alunos, distribuídos em turmas de educação infantil ao 9º ano. Todos os alunos que frequentam a escola são filhos de trabalhadores rurais que moram em casas na vila e em lotes nos arredores da vila.

As atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito da escola ocorrem mediante um planejamento rotineiro mensal elaborado pelos coordenadores pedagógicos e professores, os quais pensam projetos a serem desenvolvidos com os alunos seguindo o Projeto Político Pedagógico da escola, avaliando também os projetos realizados, com a interação dos alunos.

A escola promove projetos educacionais no decorrer do ano letivo, os quais contribuem para o aprendizado dos estudantes e para a valorização da cultura local e dos sujeitos da comunidade. Os principais eventos promovidos pela escola como: *o Dia das mães, Festa junina, Dia dos pais, Dia das crianças e Noite cultural*, têm por objetivo a valorização da cultura local e apresentar trabalhos produzindo pelos próprios alunos sobre as histórias dos próprios sujeitos. Durante esses eventos, costuma-se convidar a comunidade para assistir a essas apresentações. Os professores possuem a prática de desenvolver com os alunos pesquisas em campo, uma atividade diferenciada que chama a atenção dos alunos, cujo objetivo é fazer com que os alunos conheçam as culturas do lugar onde vivem. Essa pesquisa acontece em todo bimestre em que o professor vai trabalhar um novo eixo temático. Os alunos visitam as casas dos moradores, os locais de trabalho e o comércio. Toda essa pesquisa materializa-se em ótimos trabalhos produzidos pelos alunos: poemas, cordéis, danças, músicas e dramatização teatral para toda a comunidade. Todos esses trabalhos são apresentados na *Noite Cultural*, que é um

momento destinado à realização de um diálogo entre a cultura local e global. A comunidade participa ativamente dos projetos, contribuindo para o bom desenvolvimento da escola, principalmente nas comemorações.

3.3. ESCOLHA DA PESQUISA

A escola Nova Canaã se localiza na Vila Limão e atende os alunos que moram na vila e nas extremidades da zona rural do município de Jacundá. Com um currículo escolar adaptado à realidade do campo e com a maioria do corpo docente formado no Curso de Educação do Campo da UNIFESSPA, a escola tenta trabalhar segundo os princípios da educação do campo. Segundo Lima e Nogueira (2008), “Entendendo que a identidade de um indivíduo é construída a partir da cultura”, a escola trabalha nesse princípio de não deixar perder os saberes locais. Diante disso, optamos por escolher essa escola como fonte de pesquisa.

A ideia de investigar o trabalho pedagógico do professor de português no que concerne à sua concepção de língua/linguagem/gramática e sua postura diante de uma realidade linguística multidialetal se deu a partir da Pesquisa socioeducacional IV – estágio de observação realizado no período de setembro a dezembro de 2016; e, pesquisa socioeducacional V – estágio de intervenção realizado no período de março a junho de 2017. Durante os estágios observei que alunos e professores utilizam variações linguísticas não padrão. Houve uma inquietação de pesquisar como a professora de Língua Portuguesa articula o ensino da norma padrão com as outras normas não legitimadas pelo Estado, ou seja, as variações linguísticas e como a professora concebe a gramática no ensino de língua portuguesa.

Na comunidade, vivem camponeses oriundos de diferentes regiões, possuem níveis de escolaridades diferentes, com diversas faixas etárias, proporcionando, assim, uma diversidade linguística. Objetivamos observar como a escola lida com as variedades linguística e, especificamente, como os professores desenvolvem suas práticas pedagógicas nas aulas de língua portuguesa. A professora observada leciona língua portuguesa há 11 anos no ensino fundamental. Ela sempre trabalhou em equipe fazendo planejamento junto com os demais professores.

A docente entrevistada é licenciada em Letras, com especialização em Educação do Campo e mestrado em dinâmicas territoriais. Leciona a disciplina de língua portuguesa desde 2007, mas em 2008 assume a coordenação da escola como professora responsável e só retorna à sala de aula no ano de 2015, quando assume as turmas de 6º ao 9º ano.

3.4. ETAPAS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, montamos um planejamento de nossas ações que consistiam em observação etnográfica das aulas, entrevista com a docente, análise, sistematização e interpretação dos dados coletados. Nosso procedimento foi organizado em duas etapas, como seguem descritas abaixo:

I – Observação da prática pedagógica da docente;

II – Entrevista com a professora de língua portuguesa;

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram 1) observação etnográfica nas aulas de Língua Portuguesa e 2) entrevista realizada com a professora. As observações foram anotadas no diário de campo, com antecedência formulamos questões que enfatizavam sobre o ensino de língua portuguesa e variação linguística em sala de aula e após feita a entrevista com a professora. As questões formuladas também têm o intuito de saber como a professora concebe o conceito de gramática, sua forma de ensino em sala e como ela poderia trabalhar a gramática estando em uma realidade do campo.

A pesquisa etnográfica é um estudo que nos permite observar os processos da interação social, ou seja, neste estudo observamos os costumes, as crenças, as tradições transmitidas de geração em geração, etc. baseia-se na observação e levantamento de hipótese. “O diário de campo consiste no registro completo das observações”, é um instrumento de pesquisa importante, como nos afirma Falkembach, (1987):

[...] O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para equipe de trabalho (FALKEMBACH, 1987).

É importante salientarmos aqui que a professora colaboradora em nossa pesquisa vem de uma formação baseada em Freire (1996), para quem o ensino exige uma rigorosidade metódica, mas esse metodismo não tem nada a ver com a educação bancária tratada por Freire (1996) em pedagogia do oprimido, em que transfere o papel do educador para o educando, tendo a função de trazer para a sala de aula formas de incentivo para deixarem inquietos de curiosidade, como o próprio autor explica:

Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p.14)

No próximo tópico serão apresentados os dados coletados na entrevista com a professora, seguidos de nossa análise pautada em nossa fundamentação teórica.

3.5. CONCEPÇÕES E FORMA DE ENSINO DA PROFESSORA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Canaã, situada na Vila Limão, desenvolve um trabalho diferenciado, como já foi ressaltado anteriormente. Durante o ano escolar, os professores tendem a trabalhar ancorados em quatro eixos temáticos “Identidade Cultural, Sistema de Produção e Trabalho, Organizações políticas e Sociedade, Meio Ambiente e Sustentabilidade, esses eixos são previstos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Na opinião da professora o ensino de língua portuguesa objetiva “contribuir para o conhecimento da língua enquanto expressão sociocultural”. As atividades são desenvolvidas a partir do eixo temático e do tema gerador de cada bimestre referente à turma do 9º ano. Conforme o tema daquele eixo, a professora escolhe textos para serem trabalhados com a turma. Os textos selecionados não são aleatórios seguem o tema gerador do bimestre para que possa ajudar os alunos nas discussões que são feitas em sala, entre turmas e nas pesquisas que são realizadas em campo.

A professora não segue a forma tradicional de ensino com aulas compartimentadas, em que o ensino se torna “bancário”, com o professor como o único informante, com uma segmentação de conteúdos da disciplina sem flexibilidade no ensino aprendizagem, cujo enfoque é sempre transmitir o conteúdo. A partir das observações, percebi que suas aulas são interligadas, havendo sempre um diálogo com os alunos, tornando-os sujeitos ativos, deixando-os livres para expressar suas opiniões, questões, e solucionar problemas, interligando os assuntos referentes à realidade dos alunos, cultivando as variações dialetais com os conteúdos ensinados através dos gêneros textuais, estruturas textuais e questões gramaticais. Como ela nos afirma “procuro explorar dentro dos textos, questões relacionadas aos recursos linguísticos e discursivos usados no texto, gêneros e estrutura dos textos e também os estudos gramaticais”. Essas questões são sempre tratadas dentro de um contexto apresentado pelo docente.

A escola possui livros didáticos e paradidáticos para auxiliar os professores em sua prática pedagógica, mas a professora de língua portuguesa não utiliza os livros didáticos selecionados para as turmas; ela recorre a outros livros à procura de textos que melhor se encaixem no contexto do tema gerador e utiliza também seus próprios livros e sempre recomenda os livros paradidáticos para os alunos lerem.

Há uma “polêmica em ensinar ou não gramática na sala de aula”, como nos diz a professora. Mas, segundo ela, é importante ensinar gramática, desde que não sejam somente as regras da própria norma padrão como única e acabada mais que é fundante que as pessoas aprendam a gramática para poder utilizá-la na escrita em momentos de que precisem. Os alunos só entenderão a verdadeira função da gramática se for ensinada contextualizada, pois as regras gramaticais servem para nos auxiliar na escrita dos textos. Como ela nos afirma:

O ensino da gramática é importante para apropriação da linguagem escrita padrão. Procuo ensiná-la de forma contextualizada para que os estudantes possam perceber o sentido e a função de determinado termo empregado no texto (Professora pesquisada, 2018).

A concepção de *gramática internalizada*, segundo a qual o falante apreende um conjunto de regras de forma natural, possibilita ao falante interagir verbalmente e se relacionar com seu interlocutor de acordo com a situação discursiva exigida. Se a compreensão da professora seguisse essa concepção de gramática, “ensinar ou não a gramática”, não seria uma questão a ser discutida, pois tratando adequadamente as variações linguísticas, através dos gêneros textuais, os alunos já estariam estudando e aprendendo gramática ou gramáticas, visto que não existe interação verbal desprovida de gramática. Com base nessa concepção de gramática, e através do estudo dos gêneros textuais, a docente ensina aos alunos tanto a gramática tradicional, canônica, quanto outras normas gramaticais não legitimadas pela escola, evidenciando as circunstâncias em que essas gramáticas são mobilizadas adequadamente pelo falante.

Assim como a *gramática internalizada*, a concepção de *linguagem como forma ou processo de interação*, pretende que a variação linguística utilizada pelo falante (aluno) não deva ser seguida por uma norma padrão (gramática normativa), pois o importante é a mensagem que o falante quer passar, podendo ela ser moldada pelas condições discursivas dos interlocutores. Ou seja, uma pessoa do campo que possui uma oralidade própria de seu meio social, quando vai para outra cidade, tende a mudar a sua oralidade, sua forma de transmissão por influência de seu ouvinte. O papel da escola é ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito da gama de diversidade das variedades linguística, não simplesmente reduzir a um estudo de gramática normativa.

A cultura pode ser entendida como uma teia de significados, pois liga vários conhecimentos dos seres humanos, a partir de experiências vividas pelos indivíduos. Compreendendo esse contexto buscamos os conhecimentos de todos na comunidade. No ensino/aprendizagem a escola procura trabalhar com os conteúdos necessários exigidos

pela Secretária de Educação inter-relacionando-os com os conhecimentos de cada aluno, para que não somente aprenda o conteúdo para responder à prova, mas também para que utilize em seu cotidiano. É importante que na escola todos os professores trabalhem a variedade cultural e linguística que existe no País, para formar sujeitos com senso críticos. Quando esse tema é tratado, a professora aborda sobre não existir o “certo e o errado”, mas existir apenas uma forma que foi considerada como padrão da língua e essas normas são exigidas em alguns ambientes. Considerando que toda variedade linguística possui sua norma gramatical, não deveria haver a preocupação por parte dos professores de Língua em ensinar a norma do “certo” ou “errado”, mas ensinar as variações linguísticas, para que o falante escolha qual variedade usar de acordo com as condições de produção discursiva. Essa discussão é abordada em sala a partir do tema gerador e com textos que expressam essas variações linguísticas. As formas de expressão dos alunos em sala não é um problema para a professora; até mesmo ela utiliza variações. O importante é a transmissão da mensagem. Percebemos que ela considera a linguagem como forma de interação, considerado somente para a oralidade dos alunos em sala de aula. Como a professora nos afirma:

(...) Não gosto de ... assim... questionar quando um estudante fala do jeito que ele fala em casa. Isso pra mim não é interessante, se eu entendi a mensagem é tranquilo. O meu foco é ensinar eles que em determinadas situações a gente tem que aprender a falar de determinada forma que é a padrão pra poder se comunicar com outros ambientes (professora pesquisada, 2018).

Segundo a professora, no ato de interação verbal, os alunos expressam seus pensamentos. Suas oralidades trazem à tona suas culturas, pois cada sujeito possui sua própria forma de falar, “não acredito que a forma como o estudante se expresse na fala seja um empecilho para o aprendizado da norma padrão”, pois o aluno tem capacidade de poder aprender e ter propriedade sobre a língua para poder utilizar a variação conforme a situação em que está convivendo. Compreendemos, portanto que o ensino da professora se dá a partir de duas vertentes: a) aceitar e permitir o uso de variedade não padrão pelos alunos e b) lhes ensinar a gramática normativa. A professora não deixa claro, em sua fala, de que a língua é um conjunto de variedades, dentre as quais está a norma padrão. Em toda a sua entrevista, ela deixa claro que a língua escrita tem sua importância e, por isso, deve seguir a norma padrão e que o aluno não deve utilizar as variedades não padrão em suas produções escritas. Deve usá-las somente em suas interações orais. A escola precisa adotar uma forma de ensino que valorize os diferentes modos de falar e escrever, uma vez que o que determina a maneira de usar uma ou outra variedade linguística é o contexto de

interação, os sujeitos, o assunto, o local, o meio social etc. e não apenas o conhecimento da norma padrão.

A variação linguística é uma característica de qualquer língua viva e falada por qualquer grupo social. E a forma como cada grupo fala é uma maneira de marcar a identidade desse grupo. Assim, acreditamos ser necessário que compreendamos a língua como multifacetada, dinâmica e em constante variação no espaço e gradual mudança com o tempo. Para atestarmos o caráter heterogêneo da língua basta observarmos a nossa própria fala, a forma como pronunciamos certas palavras em função de uma determinada situação. Por exemplo, eu posso dizer: a) Tu vai pra Marabá ou b) Você vai para Marabá. O uso da primeira frase indica certo grau de intimidade entre mim e meu interlocutor (um amigo, parente). O uso da segunda frase pode indicar que meu interlocutor e eu não somos íntimos, não somos conhecidos. Cabe à escola ensinar as variedades linguísticas, sem considerar os ensinamentos da gramática normativa como superiores, exclusivos e parâmetro para toda interação verbal entre os falantes e sim como mais um conhecimento que têm os seus contextos de uso próprios, conhecimentos e contextos esses que os alunos têm o direito de estudar, conhecer e dominar para o usarem adequadamente. Assim o fazendo, a escola não reproduz um ensino “bancário”, nem impõe a norma padrão como a única possibilidade de expressão verbal entre as pessoas, mas com mais uma possibilidade de expressão dentre outras, com suas condições próprias e adequadas de produção.

3.6. ANÁLISES DA ENTREVISTA DA PROFESSORA

A partir da entrevista realizada com a professora participante da pesquisa, coloco algumas reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Canaã. O ensino ofertado na escola é um ensino diferenciado, que passou por uma luta dos professores e coordenadores para que a Secretaria de Educação do município permitisse que o Projeto Político Pedagógico da escola fosse montado e implantado. A seguir são apresentadas as perguntas e respostas da entrevista feita com a professora, seguidas de nossas reflexões.

1. **Pesquisadora:** Suas aulas são compartimentadas: Gramática / Leitura / Produção Textual, ou você interliga esses eixos. Poderia explicar?

Professora: Normalmente a gente traz os textos colocados pra temática que a gente tá trabalhando e dentro dos textos é que eu vou trabalhar a gramática dependendo do que é mais observado no texto para trabalhar melhor, aí eu puxo aquela discussão da gramática olhando no texto com os meninos, mostrando pra eles no texto como as palavras, as

estruturas das palavras que estão organizadas e aí eu procuro fazer sempre assim, primeiro o foco é o texto da temática que a gente tá trabalhando, aí dentro daquela temática que a gente tá discutindo eu vou mostrando pra eles cada gênero textual como é que eles vão sendo estruturados e a gramática qual é a função das palavras naquele contexto ali.

Percebemos a partir da fala da professora entrevistada, que sua prática pedagógica se alinha à concepção de gramática enquanto “um conjunto de regras internalizadas na mente do falante”, que, conforme o tipo de interação, ou, em outras palavras, os gêneros textuais, o falante (aluno) mobiliza essas regras para dialogar com os diferentes textos e, ao mesmo tempo, o aluno deve perceber que cada texto traz um conjunto de regras próprias de seu gênero. Isso já corrobora o caráter heteróclito da língua. Entretanto, quando a professora fala em trabalhar a gramática, parece que seu entendimento de “trabalhar a gramática” está relacionado à visão tradicional para a qual gramática é um conjunto de regras prescritas e que devem ser seguidas independentemente das condições de produção discursiva. O que observamos, então, é que, na prática, a docente desenvolve um trabalho pedagógico em que a variação linguística é privilegiada, já que trabalha com diversos gêneros textuais, mas, teoricamente, compreende a gramática segundo a visão tradicional.

É válido ressaltarmos, ainda, que, durante suas aulas, a professora procura sempre focar na produção textual dos alunos relacionada à temática sem se ater com regras da gramática normativa. Ela deixa seus alunos livres para poder escrever sem se importar se estão escrevendo “certo” ou “errado”, até porque, como já ressaltamos acima, cada gênero textual tem as suas próprias regras gramaticais e, quando a professora trabalha um gênero textual, inconscientemente, ela está trabalhando regras gramaticais. Disso, concluímos que não existe discurso/texto/comunicação verbal desprovido de uma gramática.

2. Pesquisadora: Você utiliza os “Parâmetros Curriculares Nacionais” para o Ensino Fundamental elaborado pelo MEC?

Professora: “a gente segue aquilo que a gente selecionou pra nossa proposta”.

Como apresentado anteriormente sobre os princípios educativos que regem a escola, entendemos que a professora trabalha somente baseada nesses princípios e objetivos que a escola adotou para a prática docente, os quais coincidem com as orientações dos PCN’s a respeito das concepções acerca do ensino-aprendizagem de língua portuguesa em sala de aula. A prática pedagógica da professora, portanto, parece estar em sintonia com as premissas dos PCN’s, colocando o aluno como sujeito da ação de aprender a língua tal como se fala e se escreve fora da escola e o ensino como prática

educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento (PCN's, 1998).

3. **Pesquisadora:** Você utiliza outros livros de Linguística que você ou a escola dispõe?

Professora: “Bom, eu tenho um número de livros bastante já de língua portuguesa, de gramática que eu comprei mesmo né, só pra dá suporte e o foco, o meu foco na sala de aula não é o livro didático, às vezes eu uso quando o livro didático tem um texto que me ajuda a discutir aquilo que eu acho interessante pra aquela turma naquele momento, mas não é o livro didático em si, eu recorro a um livro e outro independente da série que é o livro o que me interessa é o que tá abordando naqueles textos que selecionando pra aquele semestre pra aquele bimestre na temática que a gente tá trabalhando”.

A escola possui bastantes livros didáticos pedagógicos do 6º ao 9º ano, mas esses livros são utilizados apenas como fonte de pesquisa para trabalhos em sala. A professora só utiliza os livros para alguma pesquisa de textos em que possa ser utilizado na aula para discutir a temática que está trabalhando naquele momento. Nas observações em sala, constatei que a professora trazia consigo sempre textos impressos, ou até mesmo copiava no quadro e ali ia discutindo com os alunos as questões a serem trabalhadas. O livro didático não se torna problema na sala de aula se o ensino de língua seguir a concepção de *gramática internalizada* em que se entende a língua como um conjunto de variedades a serem utilizadas pelo falante, em outras palavras, a escola deve ensinar aos alunos as diversas variedades linguísticas e os devidos contextos de uso dessas variedades. Assim, o aluno saberá adaptar a variedade linguística à situação, tornando-se um poliglota da própria língua. Se compreendermos que ensinar a língua portuguesa é ensinar um conjunto de variedades, entenderemos que não é preciso uma separação no ensino de gramática, pois para cada variedade linguística que ensinamos, estaremos também trabalhando com uma gramática específica.

4. **Pesquisadora:** Para você o que é ensinar gramática?

Professora: Olha há sempre a polêmica ensinar ou não gramática na sala de aula, eu acredito que é fundamental ensinar a gramática, não a gramática só a regra pura separada do contexto, é interessante você ensinar a gramática para as pessoas saber utilizar na escrita de forma correta, isso a gente só vai aprender quando ele está contextualizada, se a gente não observar, eu não posso separar uma palavra, estudar a função ou classe dela separadamente, porque em um contexto aquilo muda né, dentro dos contextos as palavras mudam de classe, mudam de função, então é lá que a gente tem que mostrar como aquela palavra foi usada e como a gramática pode nos ajudar a melhorar nos textos como a gente pode, as regras serve pra gente melhorar nossa escrita.

Dizendo bem claramente que a gramática em suas aulas não é o foco principal, mas que é de suma importância que os alunos aprendam como utilizar as normas padrão em suas escritas ou até mesmo em suas falas. Que a gramática ensinada por ela tem o papel de contribuir para as situações que os alunos precisem dela, ao ensinar a gramática sempre a partir de um texto a professora acredita assim por ensinar de forma contextualizada, a professora utiliza frases dos textos a qual está trabalhando para explicar as normas que estão ali empregadas.

A partir da concepção de gramática que Travaglia nos apresenta, podemos dizer que professora compreende gramática no conceito de uma *gramática normativa* considerando que a gramática se reduz somente em suas regras e concepções, mas a sua prática segue a um padrão de *gramática internalizada*, pois tenta sempre fazer com que os alunos compreendam seguindo a um contexto para que saibam adaptar-se em diferentes situações. Em sua fala, em momento algum a professora diz não gostar de dar aula de gramática, mais em suas aulas a gramática é ofuscada por conteúdos sobre as culturas e identidades locais, mas em todas as produções e atividades de leituras são exploradas as formas de escrita na norma padrão e coloquial; essas diferenças são expostas diante de todos os alunos de forma contextualizada, para que os alunos possam diferenciar e saber utilizar adequadamente nos diversos espaços e situações de interação comunicativa.

5. **Pesquisadora:** Você considera todas as formas de expressão linguística em sala de aula? Explica na sala de aula a respeito da adequação linguística ou acha que a escola só deve se preocupar com o ensino da norma padrão?

Professora: Acredito que sim, normalmente assim, como a gente ta num... a gente trabalha bastante essa questão da variedade cultural que a gente tem dentro, linguística dentro do país então eu procuro mostrar pra elas que não tem o certo e o errado mas é uma questão cultural né, existe uma forma padrão de escrita que é exigida em determinados ambientes, mas existe uma língua, uma variedade linguística, existe uma diversidade e ai cada ambiente que a pessoa está e dependendo do pra quem a pessoa vai se direcionar é que você vai usar a padrão ou não.

As variedades linguísticas são trabalhadas pela professora especificamente no primeiro bimestre, por causa da temática “identidade cultural”, em que são selecionados os textos e os assuntos a serem tratados com os alunos. Nesse momento, a variação linguística é apresentada para os alunos como uma variedade a ser usada mais na oralidade do que na escrita. A professora explica sobre a norma culta, sem desprezar ou esquecer a norma linguística local. Pelo discurso da professora, podemos inferir que em

sua prática linguístico-pedagógica há a mobilização dos saberes locais, dos saberes prescritivos/descritivos dos manuais de gramática e dos saberes linguísticos que tratam e tentam explicar dos fenômenos da linguagem tais como acontece nas comunidades de fala (cf. BARBOSA, 2008). Assim, acreditamos que o principal foco da professora, ao tratar das variedades linguísticas, é fazer com que os alunos desenvolvam competências linguísticas múltiplas para que tenham desempenho linguístico adequado às condições de produção discursiva.

6. **Pesquisadora:** Você trabalha, em sala de aula, as diversas variedades linguísticas (familiar, coloquial formal, oratório, por exemplo)? De que forma – explora diariamente ou em um capítulo específico?

Professora: Sim, normalmente, isso... a gente trabalha principalmente no primeiro bimestre que a gente tá trabalhando identidade cultural. Têm o específico mesmo que é selecionado os conteúdos pra gente começar a trabalhar a cultura falando da diversidade linguística e quando a gente tá conversando normalmente às vezes eu gosto até de brincar com eles assim, com os ditos populares assim, pra eles. eles ficam muito nessa questão de é o professor de língua portuguesa só tem que falar dentro do padrão então assim, não gosta de assim questionar quando um estudante fala do jeito que ele fala em casa, isso pra mim não é interessante, se eu entendi a mensagem é tranquilo, o meu foco é ensinar eles que em determinadas situações a gente tem que aprender a falar de determinada forma que é a padrão pra poder se comunicar com outros ambientes.

Em todas as aulas a professora explora com os alunos as diversas variedades linguísticas, utilizando a linguagem familiar e coloquial em momentos de conversas com os alunos, pois é a linguagem que utiliza em casa e acaba por trazer essa cultura para a escola, a linguagem formal é utilizada mais em momentos de apresentação de trabalho ou em produções textuais, essa linguagem é pouco utilizada. A forma que o aluno se expressa diz muito de sua cultura, o aluno é livre para poder se expressar na forma linguística que desejar utilizar para transmitir sua mensagem. Embora acreditemos ser muito importante a atitude da docente de não ‘corrigir’ os ‘erros’ dos alunos e deixá-los à vontade para se expressar, pensamos que tal procedimento talvez não seja a melhor opção a ser tomada. Somos da opinião de que a escola é o espaço privilegiado para o ensino plural, para o ensino da variedade linguística. Então, cabe à professora não corrigir – como ela já o faz mas orientar a produção verbal dos alunos conforme, as condições de produção discursiva, isto é, conforme o gênero textual, as circunstâncias da interação, o interlocutor, o assunto, etc.

7. **Pesquisadora:** Como você vê a questão da oralidade em sala de aula (a forma que seus alunos falam lhe diz alguma coisa)?

Professora: Com certeza né, a orali.. a forma que a gente fala traz um pouco da nossa cultura e cada um fala do seu jeito, todos tem uma forma diferente de falar, se a gente observar um pouco né a gente vai analisar assim que cada um tem um jeito de falar. Ah, em relação a essa questão oral pra mim é muito tranquilo, porque a oralidade tá mais no nível da fala que não tem tanto exigência, a gente só vai ter as exigências num seminário, uma exposição oral, mas na relação dia a dia do cotidiano da sala de aula é não vejo problema nenhum em cada qual se expressar do jeito que se expressa sua forma cultural.

Uma das formas de comunicação entre as pessoas é a oralidade. Os sistemas de escrita são baseados na fala “[...] não há grupo humano conhecido, que exista ou tenha existido, sem a capacidade da fala [...]” (cf. LYONS, 1979, p. 39). Para a professora a oralidade do aluno em sala de aula não é um problema, pois é uma forma de expressar a sua própria cultura. Mas por compreender que a norma padrão seja importante para que o aluno se expresse oralmente e de modo adequado em eventos públicos formais, como seminários e exposições orais, ela vê a necessidade de seu ensino na escola. Assim, o domínio dos níveis de expressão oral é necessário para que tenhamos uma participação em eventos públicos formais e não só os informais ou de nossa vida cotidiana.

8. **Pesquisadora:** Que tipo de material didático você utiliza nas suas aulas?

Professora: O livro didático às vezes né como eu falei normalmente eu não trago livro nem mesmo quando eu vou usar o livro eu seleciono o texto do livro, mas aquele livro aquele texto sou eu quem faço as minhas. As questões pra interpretar os direcionamentos que têm que ser tomado, normalmente eu utilizo só o texto, às vezes até pra eles fazer leitura quando tem um problema que não dá pra xerocar então eu posso pegar o livro lá e pedir pra eles fazer a leitura do texto ali pra eles fazer a atividade, as atividades são eu que direciono e o restante é material que eu principalmente trago, busco texto e outros livros também e vou fazendo minha coleção de texto que eu acho interessante discutir em determinada turma, porque eu tenho um foco ali num tema, ou porque ali me traz como ele é estruturado determinado tipo de texto entendeu.

A escola dispõe de material para dar suporte aos professores em suas aulas, fornece tanto os livros didáticos, quanto aos livros paradidáticos. A professora, entretanto, não usa exclusivamente um livro específico para ministrar suas aulas. Ela prepara seu próprio material em seu planejamento. Quando precisa de suporte de texto para trabalhar algum conteúdo, procura textos nos livros didáticos, sem se ater a série a que o livro corresponde. A partir desse texto, a professora elabora atividades: faz perguntas de

interpretação textual, trabalha conteúdos gramaticais, incentiva os alunos a pegarem esses livros para fazer leitura em casa. Os PCN's propõem, como papel importante da escola, viabilizar o acesso ao universo dos textos, de diferentes gêneros. Acreditamos que a atitude da docente de colocar os alunos em contato com textos de diferentes gêneros contribui para um ensino de língua plural, já que cada gênero textual exige normas gramaticais específicas, proporcionando aos alunos a percepção do caráter heteróclito da língua.

9. Pesquisadora: Que tipo de material a escola dispõe?

Professora: A escola tem bastante material, inclusive de livros didáticos e paradidáticos né, então a gente tem bastante livro, mas normalmente os paradidáticos eu incentivo eles a fazer leitura em casa ou na sala de aula, a gente tem cada dia um traz uma leitura pra lê ai a leitura fica só nesse nível, a leitura é pra todos, só um que ler por dia, ele traz a leitura dele pra lê por dia na sala no outro dia é outro e assim por diante.

A leitura é um momento em que os sonhos tornam possível, em que a imaginação cria novo saberes, o incentivo de leitura coletiva transforma pensamento, faz com que os alunos compartilhem seus saberes e suas opiniões. A escola também possui material tecnológico como impressora, data show, caixas de som, que dão apoio aos professores para melhor desenvolver o ensino com os alunos. Apesar de não possuir sinal telefônico na escola, o celular também é um material muito importante utilizado pela professora e alunos. Essa tecnologia é utilizada principalmente nos trabalhos de pesquisas para fazer gravação, tirar fotos e filmar. Devido à escola não ter câmera e filmadora o celular é um apoio importante. Uma das dificuldades relatadas pela professora e observadas em suas aulas é o uso exagerado do celular pelos alunos em sala, apesar de não ter sinal, os alunos costumam utilizar muito o celular em sala.

10. Pesquisadora: Você faz uso de novas tecnologias em suas aulas? Você e seus alunos possuem acesso às novas tecnologias? De que tipo?

Professora: Aqui na escola a gente tem alguns aparelhos que já ajuda né, então a gente pode trazer uma música e usar no data show, um vídeo são mais ou menos isso, o data show tem sido, o celular e o data show têm sido uma ferramenta e o computador que tem ajudado nesse sentido que a gente baixa as músicas quando a gente quer trazer pra trabalhar em sala aí gente pode usar no data show no celular com som ne pra eles ouvir, então tem ajudado nesse sentido.

11. Pesquisadora: Você considera importante o uso de novas tecnologias? Quais são os benefícios e as dificuldades encontrados?

Professora: Com certeza, a tecnologia ajuda. As dificuldades são exatamente assim, alguns pontos, às vezes a gente tem uma impressora ela dá problema muito rápido né, aí a gente fica sem uma impressora no caso que eu não tô seguindo um livro didático é claro que eu precisaria de xerox dos textos aí às vezes tem essa dificuldade e às vezes os próprios estudantes tira a foto do texto que eu trouxe e usa no celular esse texto pra eles ir lendo e acompanhado e fazendo a discussão quando a impressora dá problema. Isso acaba ajudando com esses celulares, ta acaba tirando a atenção também se você pára de focar no que você ta fazendo ali na sala um minuto eles já tão tentando vê um vídeo, que alguns acha interessante, interessante entre aspas né, pra eles, mas não é pro conteúdo que a gente ta trabalhando pra sala de aula, normalmente são vídeos que eles baixam mesmo de brincadeiras piadas, filma os colegas, tiram fotos, mas estamos a aprender com isso.

Segundo a professora, para que a aula seja atraente ao aluno, é necessário inovar na didática e nos métodos de ensino, inserindo outros instrumentos para auxiliar o professor na árdua tarefa de ensinar a língua. Um desses instrumentos é o celular, usado pelos alunos para fazer leituras de textos, quando não é possível fazer cópias. Entretanto, o que deveria ser uma ferramenta para a promoção de ensino/aprendizagem acaba se tornando um meio de dispersão na turma, haja vista que muitos alunos usam o celular em sala de aula para assistir vídeos que não condizem com a aula programada.

12. **Pesquisadora:** Em sua opinião, qual o principal objetivo do ensino de língua portuguesa?

Professora: Contribuir para o conhecimento da língua enquanto expressão sociocultural.

O ensino de língua portuguesa, na opinião da professora, deve contribuir pra o conhecimento da língua enquanto expressão sociocultural. A professora planeja suas aulas de acordo com a temática selecionada para o bimestre e de acordo com cada turma, faz pesquisas em diversos livros para selecionar o texto que melhor contribui para o entendimento dos alunos, pois a partir desse estudo os alunos fazem as pesquisas de campo. Além de serem textos que contribuem com a temática, são selecionados para também serem trabalhadas as questões gramaticais, gêneros textuais, recursos linguísticos e discursivos.

13. **Pesquisadora:** Como você desenvolve suas atividades pedagógicas no ensino de língua portuguesa?

Professora: As atividades são desenvolvidas a partir do eixo temático e do tema gerador de cada bimestre e turma. De acordo com os temas, eu seleciono os textos que devem ser trabalhados no bimestre, esses textos devem contribuir tanto para ampliar a discussão dos temas, quanto para pesquisa de campo. Para além da discussão dos temas, procuro

explorar dentro dos textos, questões relacionadas aos recursos linguísticos e discursivos usados no texto, gêneros e estrutura dos textos e também os estudos gramaticais.

14. **Pesquisadora:** Qual o papel da gramática em suas aulas?

Professora: O ensino da gramática é importante para apropriação da linguagem escrita padrão. Procuro ensiná-la de forma contextualizada para que os estudantes possam perceber o sentido e a função de determinado termo empregado no texto.

A professora ensina a gramática normativa objetivando contribuir ao desenvolvimento da expressão escrita dos alunos, explorando os assuntos gramaticais como estrutura do texto, gêneros, recursos linguísticos e discursivos, para que eles utilizem na escrita. É possível perceber em sua fala a concepção equivocada e já superada pelos estudos sociolinguísticos de que a escrita deve sempre seguir a língua padrão. A modalidade falada e a modalidade escrita da língua “comportam cada uma toda uma escala de graus de formalismo” (RODRIGUES, 2002, p. 12). Rodriguês (op. cit) distingue cinco níveis de formalismo, em ambas as modalidades, que reproduzimos no quadro a seguir:

Quadro 1. Níveis de formalismo da língua

FALA	ESCRITA
Oratório	Literário
Formal	Formal
Coloquial	Semiformal
Coloquial distenso	Informal
Familiar	Pessoal

A partir das considerações de Rodrigues acima, entendemos que nem toda produção escrita deve ser pautada conforme as regras da gramática normativa, assim como nem toda expressão oral deve ser necessariamente informal. Mais uma vez dizemos, o que deve determinar o uso da norma padrão ou da norma não padrão é o grau de formalismo da interação verbal tanto na modalidade oral, quanto escrita.

15. **Pesquisadora:** Como você vê os alunos que falam diferente do que preconiza a norma padrão? Esse aluno tem mais dificuldade na disciplina ou não? Explique.

Professora: Não acho que seja um problema a fala não seguir a norma padrão, mesmo porque a fala do estudante no contexto do cotidiano é espontânea e está relacionada às questões socioculturais, não precisa seguir norma, a não ser que seja uma atividade de exposição oral que exija uma fala mais elaborada. Não acredito que a forma como o estudante se expresse na fala seja um empecilho para o aprendizado da norma padrão, a norma padrão da linguagem escrita, é outra forma de linguagem diferente do cotidiano dos estudantes e que é usada em contextos específicos.

Como já foi afirmado, a professora parece conceber o ensino de língua como um ensino de um conjunto de regras que deve ser aprendida e seguida por todos, independentemente das condições de produção discursiva. Sua concepção de língua escrita está baseada nas regras da gramática normativa e, parece-nos que a professora não considera que a língua falada seja constituída por normas. E mais, a professora parece acreditar que somente a norma padrão é constituída de regras, revelando, assim, uma visão tradicional de língua/linguagem como expressão do pensamento (cf. TRAVAGLIA, 2002). Entendemos que toda variedade linguística é regida por normas próprias. Assim como a norma padrão tem as suas regras e contextos de uso, cada variedade não padrão também tem suas próprias regras e contextos de uso. Segundo os PCNs (2001, p.15), “o domínio da língua oral e escrita é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”. Tanto a modalidade falada quanto a escrita têm sua relevância e importância na interação sociolinguística, não devendo haver discriminação sobre uma ou outra modalidade. Dessa forma, pensamos ser papel da escola garantir o ensino dessas modalidades e seus graus de formalismo e desenvolver a competência comunicativa do aluno e este poder fazer escolhas linguísticas conforme cada situação de interação sociolinguística.

16. Pesquisadora: Com relação aos alunos que têm uma forma de falar diferente da norma gramatical, como você trabalha com eles? De que modo a escola deve atuar com relação ao aluno que falam diferente dos demais?

Professora: Todos os estudantes com os quais eu trabalho falam diferente da norma padrão, inclusive eu, mas isso não impede que a norma seja ensinada, o que os estudantes precisam aprender é que determinadas situações exigem que seja empregada a norma culta e por isso é necessário apropriar se dela.

Fica claro na fala da professora que todas as pessoas possuem uma forma de falar diferente. Na escola, não é diferente. Cada aluno possui formas de expressão linguística diferente como à entonação, timbre de voz, vocabulário. Para a professora isso não é um problema, pois até ela possui sua forma própria de expressão oral. Entretanto, em uma comunidade as pessoas adaptam o seu sistema linguístico de comunicação para viabilizar a comunicação em grupo, ou seja, uma norma linguística comum a todos da comunidade. A professora em seu discurso sempre nos diz que a gramática não é uma prioridade, que não há problemas com as variações linguísticas, mas em observações, percebo haver sempre uma preocupação da docente de que os alunos dominem a norma padrão. Portanto, nesse momento ela deixa escapar que o ensino ainda vive em torno da norma padrão. Se

os professores empregassem em sua prática docente o ensino a partir da concepção de linguagem como forma ou processo de interação, acredito que os próprios sujeitos seriam capazes de fazer suas escolhas linguísticas conforme as situações comunicativas.

Para a professora, não há problema quando o aluno utiliza formas linguísticas diferentes da canônica; ela somente exige o uso da norma padrão nos textos que os alunos produzem nas disciplinas, pois apesar de não ter problema na forma que os alunos falam, ela considera a escrita muito importante e cobra o uso gramaticais normativo, pois seu entendimento é de que a escrita deve ser sempre formal e, portanto, deve ser pautada na norma tradicional. Como ela mesma afirma, a expressão linguística oral é uma forma espontânea, que revela a cultura dos alunos e sua forma de linguagem utilizada em casa. Mais uma vez vemos o equívoco da docente em acreditar que a língua oral é sinônimo de informalidade, enquanto a língua escrita é sinônimo de formalidade. Contraditoriamente, a própria professora reconhece, em seu depoimento, se o aluno for fazer uma exposição oral – ele precisa usar a norma padrão –. Isso atesta que a língua falada não está restrita à expressão comunicativa apenas da vida cotidiana, e sim da vida social do indivíduo com um todo.

17. Pesquisadora: Qual o papel da escola quanto ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa, isto é, o que é importante à escola proporcionar aos alunos?

Professora: O papel da escola no ensino de língua portuguesa deve ser mostrar aos estudantes que a linguagem oral ou escrita é uma forma importante de comunicação social e está relacionada à cultura e às relações de poder na sociedade.

Segundo a fala da professora, o papel da escola é mostrar aos alunos as modalidades oral ou escrita da língua nas aulas de língua portuguesas, sinalizando que essas modalidades são necessárias para a comunicação social. Estando também relacionadas à cultura e as relações de poder. A língua é decididamente uma forma poder, pois através dela é possível se ter acesso aos bens culturais da sociedade. Segundo Soares (2002), todo processo educativo se desenvolve através da linguagem. Se o aluno for da classe de trabalhadores terá dificuldades de ensino-aprendizagem na escola. A escola culpa a origem do aluno, critica sua maneira peculiar de se comunicar (pela sintaxe confusa, por abundantes erros de concordância e pronúncia, etc.). A escola precisa ter como prioridade acolher a norma linguística utilizada pelo aluno e não excluí-la, pois o ensino de língua não pode se restringir somente a ensinar a gramática normativa. A nosso ver, usar a língua de modo empoderado, seria ter a capacidade de transitar pelas diversas variedades linguísticas e utiliza-la nas situações adequadas.

A professora de língua portuguesa em sua prática não apresenta nenhum problema para ensinar ou não gramática; como nos afirma em sua fala, “olha há sempre a polêmica ensinar ou não gramática na sala de aula, eu acredito que é fundamental ensinar a gramática [...]”. Em sua prática em sala de aula todas as formas de linguagem são apresentadas. Assim, os alunos serão mais críticos e poderão identificar qual o momento em que precisam utilizar a forma padrão ou não. Na sua fala, a professora diz que, no momento da escrita, a norma padrão precisa ser exigida. E, na prática em sala de aula, ela exige que os trabalhos feitos pelos alunos sigam as regras da gramática normativa. É importante saber que há muitas formas de escrita que não são pautadas na norma padrão, dependendo do gênero escrito, ou seja, são formas de escrita cuja norma não está pautada na gramática normativa, como por exemplo, uma conversa entre amigos via celular, um recadinho, bilhete.

A variação linguística na escola é trabalhada em atividades como histórias em quadrinhos, cordéis, poemas e teatro, são momentos em que os alunos não sofrem uma maior pressão sobre a suas escritas. São realizadas pela escola pesquisas na própria comunidade. Essas pesquisas se referem às culturas da comunidade, como as festas, as formas de vivência. Nas pesquisas, os alunos se deparam com as variações linguísticas utilizadas na comunidade, como também as diferenças de linguagem percebida em questão da faixa etária, escolaridade, etc.

Seríamos completamente errados em esperar que os sujeitos utilizem de uma mesma variação linguística para se expressar, pois as variações sempre serão diferentes dependendo do local, da região, do contexto social, dos hábitos culturais, do nível de contato. As formas linguísticas mudam de um grupo de falante para o outro. Conforme Bagno (2007), apesar de ter várias produções bibliográficas sobre linguística textual, gêneros textuais, análise do discurso, ainda são poucos os materiais didáticos que sejam expressamente elaborados para a prática docente em sala de aula.

3.7 PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA

Foram feitas observações no segundo bimestre durante 30 horas de aulas na turma de 9º ano, na aula de Língua Portuguesa. No segundo bimestre são desenvolvidas atividades seguindo o eixo temático Sistema de Produção e Trabalho, em que são realizadas pesquisas de campo envolvendo toda a escola. Todas as turmas de 6º ao 9º ano participam das pesquisas. Acompanhei a professora de Língua Portuguesa na turma do 9º ano.

A turma do 9º ano, do Ensino Fundamental II (anos finais) é composta por 9 alunos. São jovens que moram na vila e nos lotes, alguns utilizam o carro escolar para ter acesso à escola. São alunos receptivos e sempre abertos a novos desafios. Após a Professora de Língua Portuguesa permitir o acompanhamento da turma em suas aulas, começamos a observar a turma do 9º ano.

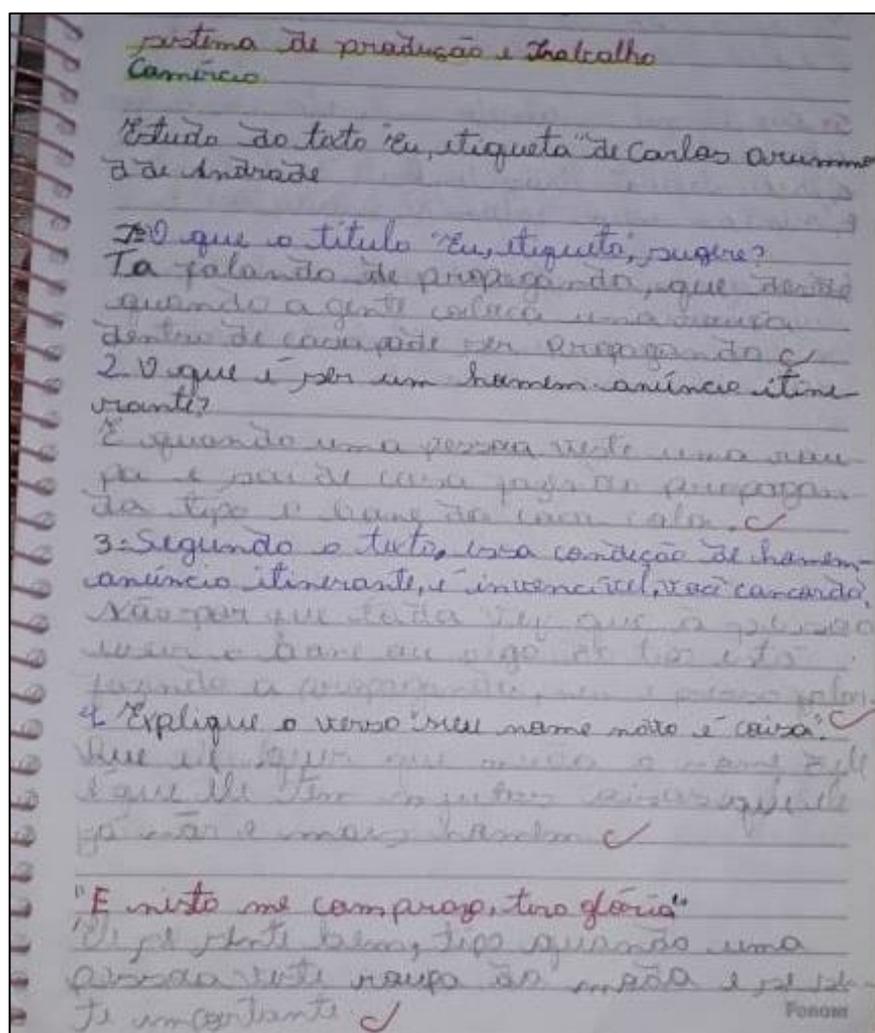
No segundo bimestre de 2018, o corpo docente e pedagógico da escola desenvolveu suas atividades pedagógica com base no eixo temático “Sistema de Produção e Trabalho” e com o tema gerador “comércio”. A partir desse eixo, foi desenvolvido um projeto de pesquisa com os alunos, cujo intuito era descobrir como funciona o sistema de produção com animais de pequeno porte (galinha, porco, carneiro, etc.) na Vila. A tarefa dos alunos era investigar como se dá o processo de comercialização desses animais. Todos os alunos da escola participaram das ações do projeto, tendo que produzir relatórios, exposição fotográfica e um anúncio. As aulas planejadas pela docente de língua portuguesa tendiam a contribuir para a compreensão dos alunos acerca do tema “comércio”, selecionando textos sobre comércio e anúncio para discutir com os alunos a respeito das características de cada um desses gêneros, além de fazer estudos gramaticais, conforme as exigências desses gêneros. Para abrir a discussão sobre o eixo temático, a professora escolheu o texto “Eu, etiqueta”⁷ de Carlos Drummond de Andrade, como vemos na figura abaixo:

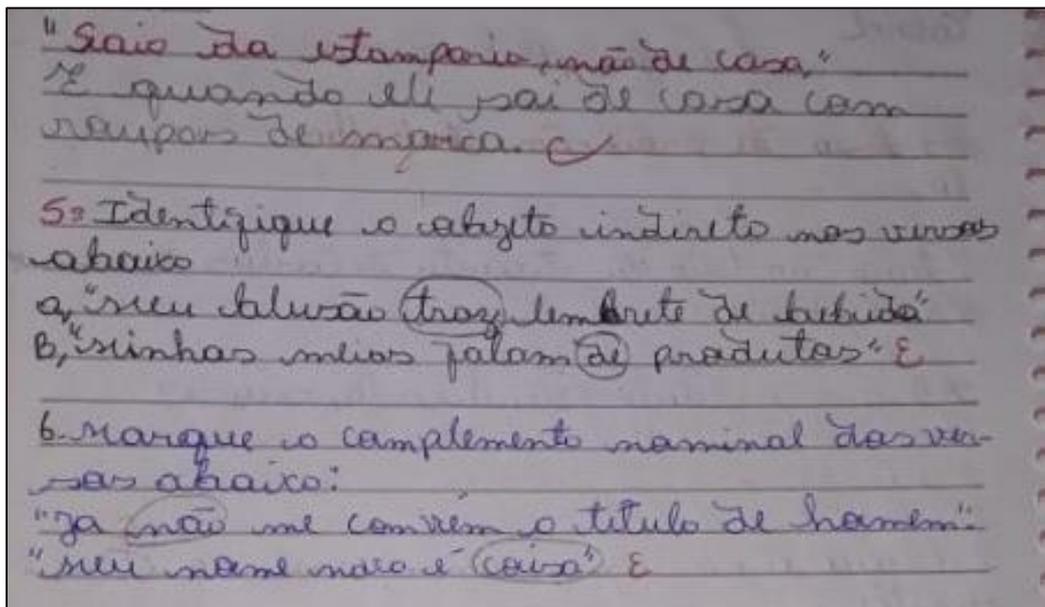
Figura 6: Texto “Eu, etiqueta”

<p>EU, ETIQUETA</p> <p>Em minha calça está grudado um nome que não é meu de batismo ou de cartório, um nome... estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam de produto que nunca experimentei mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens,</p>	<p>letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda. É duro andar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão mim mesmo, ser pensante, sentinte e solidário com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição.</p>	<p>Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente). E nisto me comparo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher,</p>	<p>minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam e cada gesto, cada olhar cada vinco da roupa sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrine me tiram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente.</p> <p style="text-align: right;">Carlos Drummond de Andrade 1989.</p>
--	---	---	---

⁷ Texto utilizado na sala de aula pela professora. A versão aqui reproduzida foi retirada da internet para facilitar a leitura (<http://www.pensador.com>eu> etiqueta).

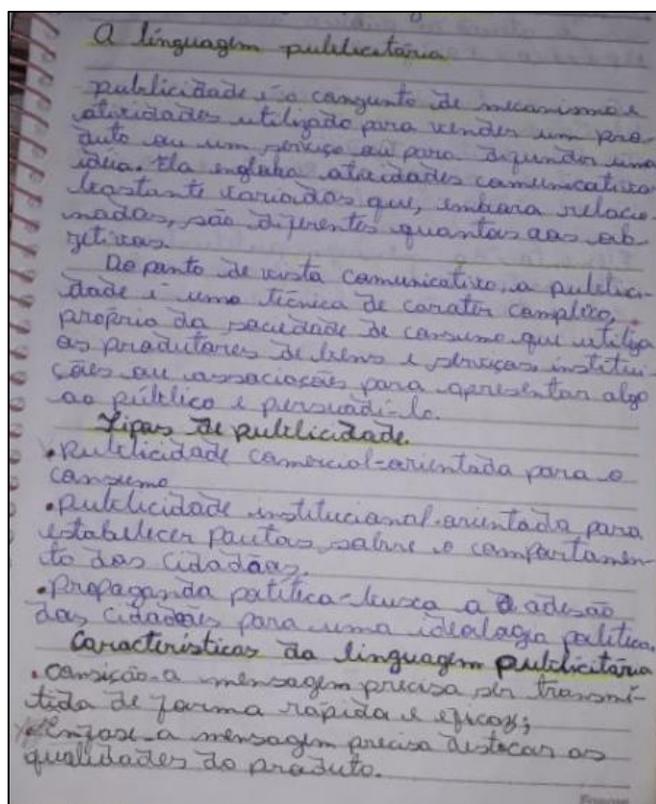
A metodologia adotada pela docente a partir do texto selecionado, foi o seguinte: leitura coletiva e discussão do texto (atividade de oralidade), seguidos de questões de interpretação textual (atividade de leitura e escrita). As questões textuais podem ser divididas em dois tipos, questões puramente de interpretação textual sobre o texto e questões que partindo do texto dão margem para uma interpretação subjetiva, conforme a bagagem cultural e o conhecimento de mundo do aluno, o qual pode dar uma resposta externa ao texto. Com essa prática, a professora nos faz lembrar de uma educação libertadora na perspectiva da pedagogia freiriana, cujo objetivo é formar sujeitos problematizadores de sua realidade, tornando sujeitos pensantes, (FREIRE, 1970). A professora também trabalhou questões relacionadas à gramática normativa. Ela retirou algumas frases do texto estudado e pediu aos alunos que fizesse análise sintática das frases, limitando-se a uma abordagem meramente metalinguística, sem fazer uma discussão sobre a função sociocomunicativa desses termos da oração, como ilustra a figura abaixo à direita:

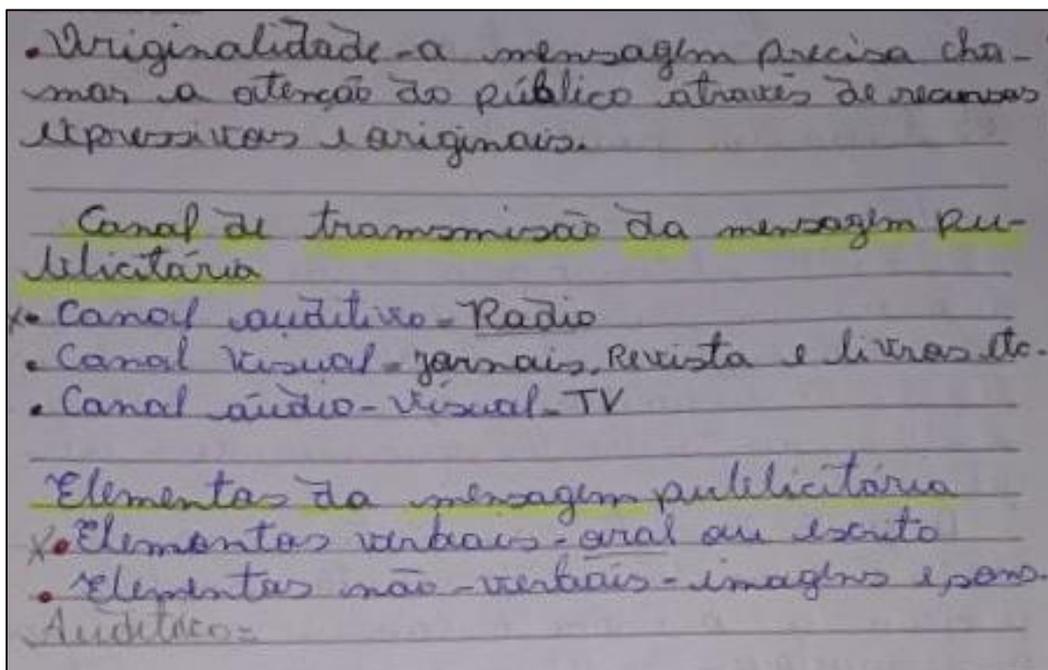




Fonte: Aluno do 9º ano, 2018.

Para contribuir com o aprendizado dos alunos acerca de como produzir um anúncio, a professora fez uma aula dialogada para averiguar o conhecimento que os alunos tinham sobre o gênero “anúncio”, discutindo com eles também temas como “texto publicitário e suas características”. Ressalta-se que a professora busca sempre desenvolver um ensino libertador, dando aos alunos a oportunidade de opinar sobre os assuntos apresentados e discutidos, seja oralmente, seja por escrito. Abaixo vemos alguns desses conceitos trabalhados pela professora:

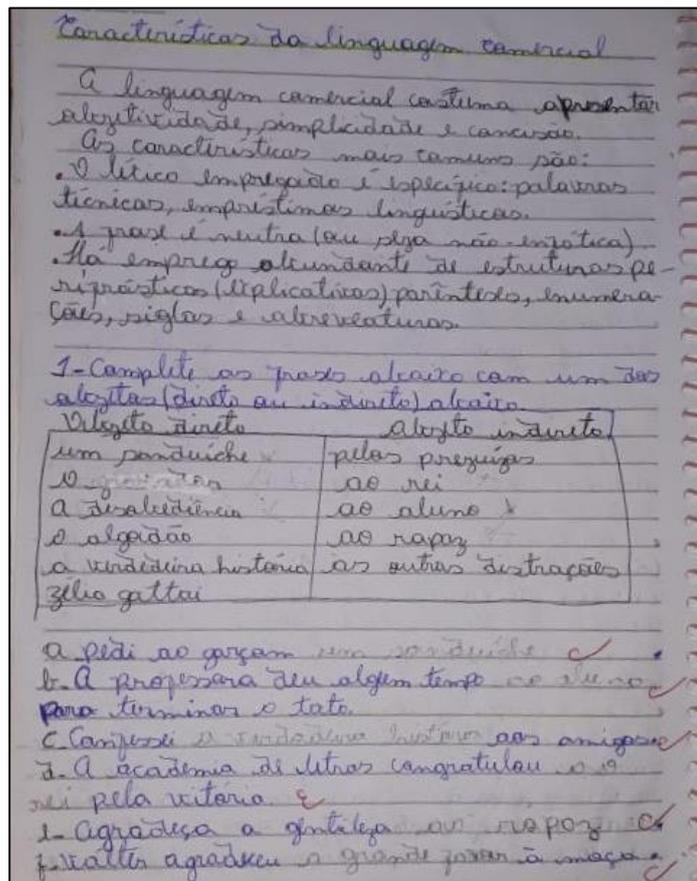




Fonte: Aluna do 9º ano, 2018

Na atividade acima apresentada, a professora forneceu aos alunos alguns conceitos sobre as características de um texto publicitário para que os alunos compreendessem como funciona esse gênero textual. Ao desenvolver atividades como a descrita acima, a docente busca exercitar um diálogo com o conceito de linguagem como forma ou processo de interação, fornecendo aos alunos a possibilidade de ampliar seus horizontes linguísticos e sua competência na identificação e produção de diferentes gêneros textuais, isto é, tornando-os capazes de fazer uso social da escrita.

Na imagem abaixo, a professora trabalha um texto sobre a linguagem comercial. Em seguida explora questões metalinguísticas, sem a preocupação de discutir com os alunos o porquê de se estudar análise sintática (identificação do objeto direto e indireto). Percebemos que a docente, ao tratar de questões metalinguísticas, apresenta aos alunos frases escritas na norma padrão sem lhes perguntar sobre sua impressão a respeito dessas frases. Deveria ser tarefa da docente a) verificar se os alunos se identificam com essas formas linguísticas e b) verificar se essas formas linguísticas fazem parte da interação diária dos alunos. A partir disso, a docente poderia mostrar os ambientes sociolinguísticos adequados para os usos da variante ensinada na escola e daquela que os alunos já conhecem – sua gramática internalizada. Além de importante, é necessário que escola ensine as regras gramaticais que o aluno precisa conhecer para sua vida futura (concurso público, entrevista de emprego, vestibular, etc.). Mas a escola não pode confundir essas regras como a única forma de expressão linguística e sim como uma das possibilidades de expressão (cf. BARBOSA, 2007).



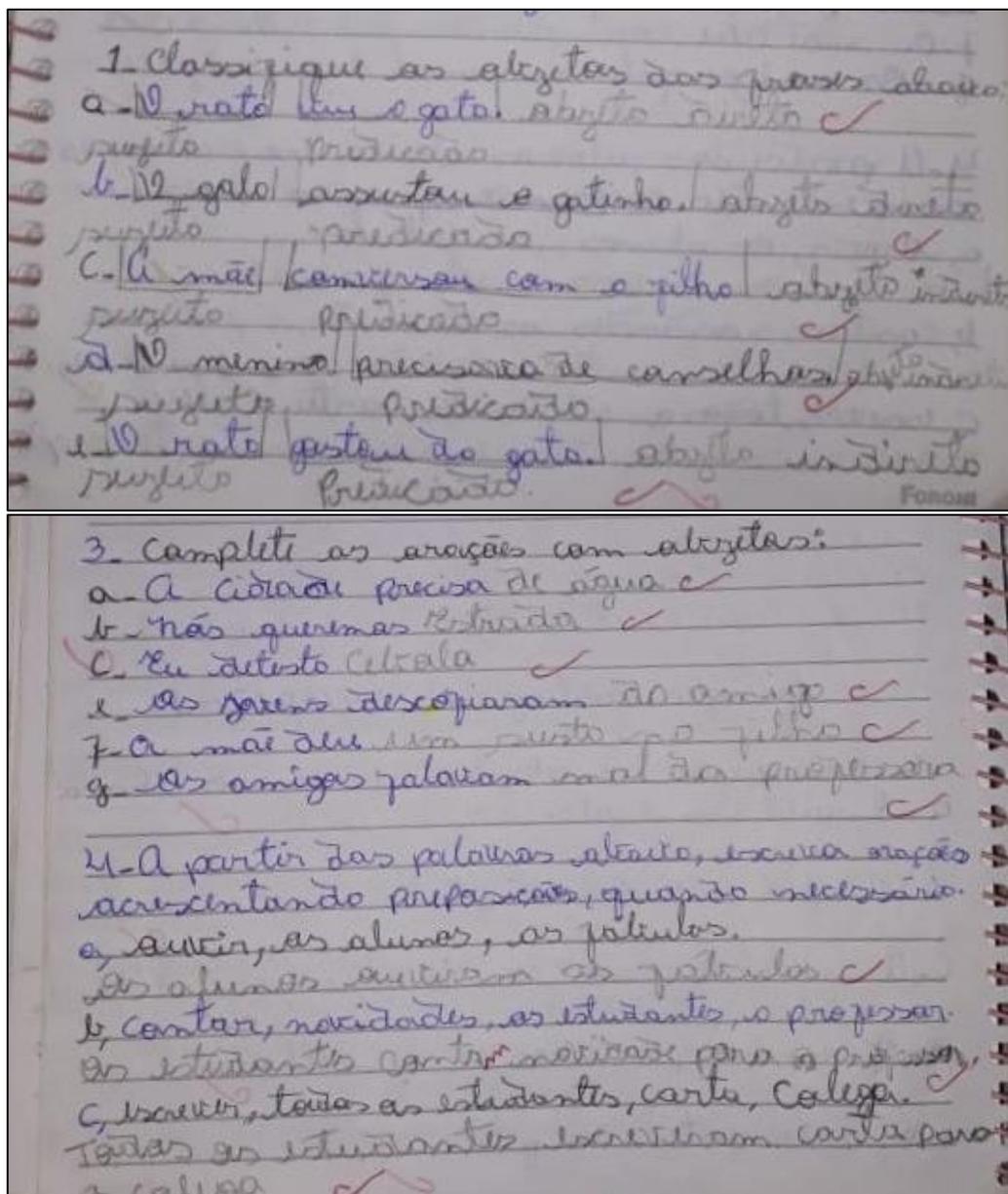
Fonte: Aluno do 9º ano, 2018

Nas imagens abaixo, a professora continua explorando questões metalinguísticas: aplica uma atividade estritamente descontextualizada das condições de produção discursivas dos alunos, argumentando que eles precisam saber análise sintática (identificação do objeto direto e indireto, etc.) para poder empregar em diferentes situações. Acreditamos que todos os falantes nativos são capazes de reconhecer as relações que ocorrem entre os constituintes frásticos, seja entre palavras, formando os sintagmas, seja entre sintagmas, formando as orações. E mais ainda: pensamos que o estudo da análise sintática seria oportuno para mostrar e ensinar ao aluno, na prática, as relações de dependência sintático-semântica entre os constituintes da frase. Analisemos a atividade *a* da questão *1* proposta pela docente.

a) O rato viu o gato.

Sem entrar no mérito da adequação da frase à realidade dos alunos, podemos sugerir algumas atividades que poderiam levar os alunos a entenderem o que é *objeto direto* e qual a sua função no sintagma. Nesse caso, a professora poderia partir do próprio verbo e perguntar à turma quanto elementos são necessários para completar o sentido do verbo *ver*. Nesse exercício reflexivo, os alunos provavelmente perceberiam que o verbo *ver* precisa de dois elementos para ter sua ideia complementada, um sujeito e um objeto.

Caberia ao professor mostrar que o objeto direto está intimamente relacionado com o verbo, completando seu significado e formando com ele uma unidade sintática. Se a professora tivesse trabalhado análise sintática dentro de um texto, mesmo que pequeno, ela poderia mostrar aos alunos que há uma tendência muito forte no português do Brasil da expressão do sujeito nulo, por já ter sido mencionado anteriormente. Assim, ela poderia trabalhar análise sintática em sintonia com coesão textual.



Fonte: turma do 9º ano, 2018

Diante do exposto, consideramos que a professora tenta trabalhar os conteúdos gramaticais de uma forma contextualizada, seja nos momentos de leituras dos textos em que ela retira frases, palavras complexas, explicando-as, seja quando questionada pelos alunos sobre alguma dúvida gramatical, momento em que ela explica o sentido da

palavra naquele contexto. Entretanto, em sua prática pedagógica, ela parece não conseguir trabalhar por completo os conteúdos contextualizados.

3.8 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos primeiramente brevemente o lugar de pesquisa, a motivação de escolha e as etapas percorridas nessa pesquisa. Em seguida tratamos sobre as concepções de língua/linguagem/gramática que a professora concebe e qual a sua forma de ensino de língua portuguesa, após analisamos a entrevista da professora, apresentamos contrapontos com as concepções de língua/linguagem/gramática que pontuamos no capítulo anterior e com alguns momentos de sua prática pedagógica na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No modelo de ensino ofertado pela escola, em que os alunos não são vistos como atrasados por terem uma linguagem diferente do que a exigida na norma padrão, suas culturas são valorizadas. A escola busca desenvolver uma didática diferenciada para os alunos e professores, com os eixos temáticos, trabalhando com tema gerador e as pesquisas de campo. Percebemos que assim há mais possibilidade de se obter desempenho por parte dos alunos. Diante dos fatos, nós percebemos que há uma vontade e uma tentativa de poder desenvolver um ensino de variação linguística na Escola Nova Canaã. Entretanto, a pesquisa revela que a professora entende a concepção de gramática como um conjunto de regras, e em certos momentos atrapalha-se na sua prática, por não saber como desenvolver as aulas relacionando-se. Essa concepção é demonstrada em suas aulas, nos momentos de escrita dos alunos. Há cobranças por achar necessária o domínio da norma padrão na escrita. Acredito que seja necessário que se ensine a norma padrão, pois em algum momento os alunos irão precisar desses conhecimentos em sua vida para comunicar, ou seja, se adaptar em diversas situações. Portanto há uma complicação que muitas das vezes não sabemos como ensinar a gramática contextualizada.

A professora tem conhecimento das variações linguísticas na sociedade, tenta abordar essas variações em suas aulas, valorizando a cultura dos seus alunos, com um ensinamento diferenciado da escola, ensinando o respeito mútuo, deixando os alunos livres para poder expor suas opiniões. Busca trazer as variedades linguísticas para o contexto da sala de aula sem discriminar uma variação ou outra. Certamente, isso é um

grande passo na tentativa de descaracterizar o ensino mecânico da Língua Portuguesa, trabalhando com assuntos recorrentes no cotidiano, dando liberdade à oralidade desses alunos. Entretanto, a professora ainda está atrelada à concepção de gramática em que o ensinamento não condiz com a linguagem como meio de interação.

Diante de tudo que foi discutido e analisado neste estudo, somos adeptos à ideia de que a escola tem o fundamental papel de fornecer um ensino adequado aos alunos para que aprendam as diversas variedades da língua, para saber se expressar em diferentes situações de interação linguística. De modo geral, acreditamos que adotar a concepção de língua/linguagem enquanto um processo de interação sociolinguística é abrir espaço para a democratização linguística na sala de aula. E assim o fazendo, a escola possivelmente estará contribuindo para um ensino plural, mas sobretudo, para o cultivo do respeito aos diversos falares, e, mais ainda, aos falantes, que não podem ser desrespeitados e estigmatizados por desconhecerem total ou parcialmente a norma legitimada e imposta à todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua e por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística/ Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial. 2007, p. 27 a 48.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. *In*: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (orgs.) 2007. **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo, contexto, 2007, p.258.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p.106.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**/ Louis-Jean Calvet; tradução: Marcos Marcililo, São Paulo. Ed. Parábola, 2002, p. 176.

FALKEMBACH, Elza M. F. **Diário de campo**: um instrumento de reflexão. Contexto e Educação. Universidade de Ijuí. Ano 2. Nº7, julho/set 1987, p 19-24.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Francisca Pereira. NOGUEIRA, Adrielle Ferreira. MASCENA, Giseli Silva. **Pesquisa Socioeducacional II**: Práticas escolares e não escolares desenvolvidas na Vila Limão município de Jacundá- PA. Relatório de Tempo Comunidade (TC). Vila Limão, 2015, p. 21.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Tradução: Marilda Winkler Averbig. Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 1981, p. 15 a 37.

MIRANDA; Daiany Rodrigues de. **Ensino de língua portuguesa e heterogeneidade linguística**: uma análise da atuação docente em uma escola do campo. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Marabá, 2018, p 62.

POSENTI, Sirío. **Porque (não ensinar) gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996, p. 68.

SILVA, Denise Elena Garcia da. **A repetição em narrativas de adolescentes:** do oral ao escrito. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Plano Editora, 2001.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: Uma perspectiva social. 17^a ed. São Paulo, Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 2002, p.10 a 99.